

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**O AMBIENTE COMUNICATIVO DA CASA COMUM: UM ESTUDO DAS AÇÕES
MIDIÁTICAS DO PAPA FRANCISCO NA PERSPECTIVA DA ECOLOGIA DA
COMUNICAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

JOÃO FORTUNATO FREIRE

SÃO PAULO

2019

UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**O AMBIENTE COMUNICATIVO DA CASA COMUM: UM ESTUDO DAS AÇÕES
MIDIÁTICAS DO PAPA FRANCISCO NA PERSPECTIVA DA ECOLOGIA DA
COMUNICAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Miklos.

JOÃO FORTUNATO FREIRE

SÃO PAULO

2019

Freire, João Fortunato.

O ambiente comunicativo da Casa Comum: um estudo das ações midiáticas do Papa Francisco na perspectiva da Ecologia da Comunicação /João Fortunato Freire. - 2019.

106 f. + CD-ROM.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2019.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientadora: Prof. Dr. Jorge Miklos.

1. Comunicação e religião. 2. Ecologia da comunicação. 3. Igreja Católica. 4. Papa Francisco. I. Miklos, Jorge (orientador). II. Título.

JOÃO FORTUNATO FREIRE

**O AMBIENTE COMUNICATIVO DA CASA COMUM: UM ESTUDO DAS AÇÕES
MIDIÁTICAS DO PAPA FRANCISCO NA PERSPECTIVA DA ECOLOGIA DA
COMUNICAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

_____/____/____
Prof^a. Dra. Carla Fernandes Montuori
Membro interno

_____/____/____
Profa. Dra. Flávia Gabriela
Membro externo

_____/____/____
Prof. Dr. Jorge Miklos
Orientador

DEDICATÓRIA

À minha esposa Isabel Cristina, companheira de profissão, de vida e de estudos, pelo apoio em todas as fases dessa incrível jornada.

Aos meus filhos Carolina, Guilherme e Maria Luísa pela paciência, compreensão e incentivo em todos os momentos que eu disse não aos seus convites para atividades de entretenimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Jorge Miklos pela abertura de novos caminhos de conhecimento, confiança, apoio e paciência durante este percurso;

Agradeço a todos os professores do mestrado pela contribuição inestimável;

Agradeço aos membros da banca pelo tempo dispensado a leitura desse estudo e contribuição importante;

Muito obrigado aos colegas, profissionais da secretaria do programa Pós-Graduação da UNIP, especialmente ao Marcelo, Cristina e Bruno que com paciência e gentileza dedicaram tempo e atenção todas às vezes que precisei de apoio deste departamento;

Agradeço também meus queridos colegas Dani Leopoldino e Leonardo Torres, pela amizade e apoio nessa jornada;

Agradeço a minha afilhada Karine G. Hohl pela colaboração durante o processo de construção deste trabalho;

RESUMO

A escolha do cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio para assumir o posto do abdicante Bento XVI no Conclave de 2013, surpreendeu o mundo. Talvez fosse a intenção da ala dos cardeais que entendia a necessidade de mudança radical na postura da Igreja Católica diante da realidade atual do planeta e, em igual forma, na solução dos graves problemas internos que a Igreja Católica atravessa. Bergoglio foi surpreendente. Sua história pregressa, marcada pela humildade, simplicidade e desapego material foi muito bem refinada pela comunicação do Vaticano e pavimentou o caminho para a sua rápida aceitação pelos fiéis. A escolha do nome Francisco, inspirado no santo de Assis, um dos mais queridos e admirados pelas diversas tradições espirituais do mundo, ensejou um diálogo inter-religioso, num ambiente global sublinhado por fundamentalismos e intolerâncias. Esta dissertação aborda as vertentes comunicacionais do Pontificado do Papa Francisco. O objetivo geral foi estudar as ações comunicacionais desempenhadas por Francisco em suas diferentes perspectivas: a comunicação primária, presencial; a comunicação secundária, que se vale de suportes impressos; a comunicação terciária que se apoia nas mídias eletrônicas de massa e digitais em rede. O método para atingir os objetivos foi bibliográfico e documental. O estudo contou com fortuna teórica legada pela Teoria da Mídia proposta pelo comunicólogo alemão Harry Pross; e pelos fundamentos da Ecologia da Comunicação concebida pelo comunicólogo espanhol Vicente Romano. O estudo desvendou que os prismas comunicacionais do Papa Francisco incorporam a proposta da Ecologia da Comunicação de Vicente Romano. Ou seja, Francisco adequa-se às tecnologias da informação disponíveis pelos meios eletrônicos hodiernos (massivos e digitais em rede) assim como, emprega o potencial vinculador da comunicação primária, do contato humano, elementar e direto da mídia primária (os gestos do corpo). Com este estilo comunicacional, Francisco não somente pluralizou a sua expressão comunicacional religiosa como também ampliou o seu protagonismo ao tratar de questões que dizem respeito ao ser humano contemporâneo e que mobiliza para os grandes desafios globais da humanidade.

Palavras-chave: Comunicação e Religião; Ecologia da Comunicação; Igreja Católica; Papa Francisco.

ABSTRACT

The choice of the Argentine cardinal Jorge Mario Bergoglio to take the place of the abdicating Benedict XVI at the 2013 Conclave, surprised the world. Perhaps that was exactly what part of the cardinals meant to do, by understating the need for a radical change in the Catholic Church's posture in front of the global current reality. And also, by trying to solve the critical internal issues faced by the Catholic Church. Bergoglio had it all: his previous history, based on humility, simplicity and material detachment, was consistently 'packed' by the Vatican's communication and paved the way for his fast acceptance among the church's followers. The choice of the name Francis, inspired by the saint of Assisi, one of the most beloved and admired among the diverse spiritual traditions in the world, gave rise to an interreligious dialogue in a global environment underlined by fundamentalisms and intolerances. This dissertation deals with the communicative aspects of Pope Francis Pontificate. The general objective was to study the communication actions carried out by Pope Francis in his different perspectives: the primary, face-to-face communication; the secondary communication, which uses printed media; tertiary communication that relies on mass electronic and digital networked media. The method for achieving the objectives was bibliographical and documentary. The study had a theoretical fortune bequeathed by the Theory of Media proposed by the German communicologist Harry Pross; and by the foundations of the Ecology of Communication conceived by the Spanish communicologist Vicente Romano. The study revealed that the communicational prisms of Pope Francis incorporate the proposal of Vicente Romano's Ecology of Communication, meaning that Pope Francis adapts himself to the information technologies available in today's electronic media (massive and digital networks) as well as employing the linking potential of primary communication, human contact, elementary and direct primary media (the body's gestures). By adopting this communicational approach, Pope Francis not only pluralized his religious communicational expression but also expanded his protagonism by dealing with issues that concern the contemporary human being and achieves mobilization towards humanity's current global challenges.

Keywords: Communication and Religion; Ecology of Communication; Catholic church; Pope Francisco.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. DE BERGOGLIO A FRANCISCO.....	17
2.1. No início, apenas mais um jesuíta!.....	18
2.1.1. Cardeal do fim do mundo conquista o Vaticano.....	28
2.1.2. Furor midiático, o Papa Francisco sob pressão	39
2.1.3. O Papa da Ecologia da Comunicação.....	46
3. ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.....	48
3.1. Harry pross – mídia primária, secundária e terciária.....	50
3.1.1. Mídia primária – do corpo ao corpo.....	50
3.1.2. Mídia secundária – e extensão do corpo.....	54
3.1.3. Mídia terciária – aparatos entre corpos.....	56
3.2. Espaço tempo – a força da grana!.....	60
3.2.1. Comunicação técnica – fábrica de solitários consumistas.....	64
3.3. De João Paulo II a Francisco, a igreja católica em crise.....	81
3.3.1. Francisco e os problemas não resolvidos da igreja católica.....	84
3.3.2. Por uma nova abordagem: comunicação e tolerância.....	88
4. CONCLUSÃO.....	96
5. REFERÊNCIAS.....	103

1- INTRODUÇÃO

Nasci em uma família católica e sigo como católico até hoje. Sou católico “praticante”, como são nomeados pelos “não praticantes” os católicos que frequentam a igreja, assistem às missas e comungam rotineiramente. Conheço os seus rituais, inclusive como participante de alguns deles. Por esta razão, mais ou menos tudo o que se refere ao catolicismo sempre me interessa, sobretudo histórias e notícias não obrigatoriamente religiosas sobre a Igreja Católica. Refiro-me especialmente ao discurso do clero, hoje, em meu modo de entender, decisivo para a manutenção da força e influência da Igreja Católica no mundo.

Ao longo do tempo, apesar do entra e sai de Papas do Vaticano, por morte natural e agora também por abdicação, a Igreja Católica manteve a mesma toada discursiva, condenando o aborto, a comunhão dos divorciados, o sexo antes do casamento, a reordenação de padres casados e o homossexualismo. A temática prossegue assim como as respostas oficiais da Igreja Católica. Há séculos! Só que o tempo não parou e o mundo seguiu adiante, com novos pensamentos e posturas relativas também a estes temas “condenados” pelo catolicismo. Muitos destes “condenados pelo pecado” continuam católicos praticantes, frequentando a Igreja normalmente, - sem se importar minimamente com punições ou para o que pensa a cúpula do Clero; outros, por incompatibilidade de pensamento buscam novas designações religiosas; e, por fim, aqueles que não mais acreditam nas coisas céu, simplesmente abandonam a prática religiosa. A legião de ateus continua crescendo na Europa.

Como católico ciente da crise de credibilidade já longeva porque passa a Igreja Católica em todos os rincões do Planeta e, obviamente, acompanhando a evolução do mundo e, conseqüentemente, do homem inserido nele, este cada vez mais perto das coisas terrenas e distante das coisas do céu, acredito que se a Igreja Católica não mudasse o seu discurso, aproximando-o da realidade que todos vivem, o seu futuro no cenário que está sendo desenhado

por outras forças não religiosas seria, na melhor das hipóteses, o de coadjuvante sem voz e sem ação nas cenas que seguem.

Quem já está mudando a percepção (e participação) da Igreja Católica neste processo é o Papa Francisco, há cinco anos escolhido pelo Conselho de Cardeais - surpreenderam o mundo - para ocupar o lugar do abdicante Bento XVI no Vaticano. O Papa argentino, ou Papa do Fim do Mundo, como o próprio se designa, não era nem citado dentre os favoritos pelos vaticanistas e jornalistas especializados na vida cotidiana e, mais ainda, nos bastidores políticos do Vaticano. Para estes especialistas, a preferência por Jorge Mário Bergoglio, nome de nascimento do Papa Francisco, representou uma vitória da ala de cardeais que buscava mudar radicalmente o “status quo” sobre outras duas alas, a que desejava mudanças apenas de ordem “cosmética” e a outra, que preferia deixar tudo como sempre esteve. O inesperado venceu e a crise interna da Igreja Católica permanece.

De saída, o novo Papa acertou. Escolheu como designação papal o nome de Francisco, inspirado no Santo Francisco de Assis, quase que unanimidade entre os católicos do todo o mundo. Ele, não se pode esquecer, é jesuíta. Especialistas perceberam ainda na escolha do nome, além do acerto junto aos fiéis, uma mensagem explícita para o público interno da Santa Sé, de que tempos de mudanças estavam chegando à Igreja Católica. Incluindo o Vaticano.

Os cardeais “vitoriosos” no Conclave de 2013 entendiam que a Igreja Católica precisava mudar e escolheu Francisco, o papa argentino oriundo das Américas, região com a maior reserva de católicos do mundo, para ser o condutor desta mudança. Conseguiram um feito mediático!

Até hoje não estão claras as razões da abdicação de Bento XVI, mas para mim são nítidas as motivações para a escolha do cardeal Bergoglio para o seu lugar. Ele, indiscutivelmente, possui todas as características de um bom produto de marketing: é inteligente, simpático, tem jogo de cintura político, é enérgico quando deve ser, além de extremamente comunicativo e tem uma história pregressa (storytelling) - muito bem trabalhada e difundida pela área de

comunicação do Vaticano - marcada pela humildade, simplicidade e desapego material. Francisco “conquistou” o mundo desde a sua primeira aparição no alto da varanda da Basílica de São Pedro, que tem a Praça São Pedro aos seus pés, logo depois do anúncio “Habemus Papam!” pelo cardeal Protodiácono. Enquanto fazia sua primeira aparição pública como Papa para delírio dos fiéis na Praça São Pedro, sua história corria o mundo sendo contada em versos e prosas pelos meios de comunicação.

Para entender a escolha do Papa Francisco como o condutor das mudanças necessárias para “sobrevivência” da Igreja Católica em todo o mundo, se faz necessário recuar no tempo e voltar à Buenos Aires, capital da Argentina, do final dos anos 30 do século XX, onde e quando Jorge Mário Bergoglio nasceu (1936). Esta viagem no tempo é descrita em detalhes com o apoio (pesquisa) de inúmeros autores, no primeiro capítulo dessa dissertação.

Jorge Mário Bergoglio tem sangue latino, sul-americano e europeu. Isso justifica em parte a sua facilidade na comunicação corporal. Seu pai, Mário, era italiano de Portacomaro, e sua mãe Regina, argentina, filha de genoveses. O mais velho dos cinco filhos do casal, o futuro Papa, foi criado num ambiente católico. Sua avó, ou “nonna Rosa”, em italiano, como até hoje se refere a ela, católica fervorosa, foi uma das grandes responsáveis por sua inclinação religiosa. Bergoglio foi um jovem como muitos daquela época: gostava de futebol – ainda é torcedor do San Lorenzo - de jogar pebolim no bar com os amigos e também de dançar. Teve até uma namorada. Formou-se em química e chegou a exercer a profissão num laboratório antes de entrar para o seminário, onde permaneceu um ano até entrar para a Companhia de Jesus.

Paralelamente à vida no seminário Bergoglio estudou e, mais tarde, tornou-se professor. Sua carreira jesuítica foi rápida. Aos 36 anos tornou-se responsável pela Companhia de Jesus na Argentina. Sua administração, como o próprio admite, não foi das melhores. Cometeu erros graves e granjeou inimigos na Ordem. Tempos depois, foi “exilado” em Córdoba e resgatado dois anos mais tarde pelo Cardeal de Buenos Aires, o ítalo argentino Antônio Quarracino. Foi nomeado bispo auxiliar e após a morte deste “seu tutor”,

assume o seu posto como cardeal da Basílica da capital argentina. O Papa João Paulo II, por quem não nega admiração, respondeu pela nomeação.

Bergoglio, desde seu início na vida religiosa, dedicava parte de seu tempo - e exigia o mesmo de seus auxiliares – às famílias pobres e carentes de tudo, que viviam nas favelas que circundam a capital. Ele gostava de se fazer presente nesses lugares de corpo e alma. E estimulava a mesma postura daqueles com quem trabalhava.

Foi contrário às Comunidades Eclesiais de Base e apoiou as ações do Papa João Paulo II contra este segmento da Igreja Católica que crescia na região. Era simpatizante do Peronismo e foi acusado de apoiar a Ditadura Militar que vigorou na Argentina. Não esconde certa simpatia pelo peronismo, mas nega peremptoriamente apoio aos militares que governaram com mão de ferro o país.

Abriu mão de todas as benesses pertinentes ao cargo de Cardeal de Buenos Aires. Vivia de maneira simples, não tinha televisão e jamais possuiu um telefone celular. Percorria Buenos Aires de ônibus, trem e metrô. Também não desprezava uma boa caminhada. Atendia a todos que batessem à porta da sua igreja e também costumava aparecer de surpresa nas missas e festas religiosas das comunidades pobres. Foi crítico do sistema capitalista e mais ainda do modelo econômico liberal adotado pelos últimos governos argentinos. Jamais aceitou a miséria que resulta deste tipo de política econômica.

Não gostava de falar com imprensa. Dizia que os jornalistas escreviam apenas o que queriam. Contratou um porta-voz para falar em seu nome e em nome da Basílica. Este porta-voz, um padre, que também desempenha o papel de assessor de imprensa, foi o responsável por criar a imagem de humildade, simplicidade e desapego de Bergoglio. Dizia que velas acesas devem ficar sobre a mesa para iluminar e inspirar, e não por debaixo, onde ninguém vê.

Esta história chegou junto com Bergoglio ao Vaticano e serviu para a área de Comunicação da Santa Sé, depois da sua escolha pelos cardeais, apresentá-lo ao mundo: “o Papa humilde que anda de ônibus”. Uma história que combinava com a escolha do nome Francisco.

Bergoglio mantém sua postura como Francisco, obviamente que dentro das limitações impostas pelo novo cargo. E isso pavimentou seus caminhos nas primeiras viagens apostólicas que fez pelo mundo. Paralelamente à sua história pessoal dos tempos de Argentina contribuiu igualmente para fortalecer a sua imagem positiva o fato de tratar com naturalidade e sem restrições alguns temas tradicionalmente sensíveis a Igreja Católica. Ele não os contrariava, apenas os expressava de forma menos impositiva e autoritária. Francisco respondia com calma e generosidade, buscando o equilíbrio e acolhimento. Sobre os gays, por exemplo: “quem sou eu para julgá-los”. Ganhou fama de liberal.

Ademais, passou a pedir desculpas em público pelos erros ancestrais da Igreja Católica contra povos naturais da Terra e despertou a ira de seus opositores na Igreja quando comentou sobre a possibilidade de comunhão para os divorciados. Esta ala, no momento, trabalha para conseguir sua destituição por heresia.

O Papa Francisco acumulou enorme capital de credibilidade junto aos católicos e não católicos de todo o mundo, o que surpreende muitos analistas da política do Vaticano. O Papa Francisco fala e o povo escuta!

É perceptível, no entanto, a dificuldade do Sumo Pontífice em transferir parte deste seu prestígio e credibilidade para sanar alguns problemas graves de imagem da Igreja Católica, que padece por não ter atuado como deveria e se esperava contra os inúmeros casos de pedofilia e assédio sexual cometido por seus membros em diversas partes do mundo nos últimos anos. Piorou bastante a percepção da instituição quando chegou a público a informação de que batinas graduadas foram preservadas. Francisco desculpou-se a admitiu que esta postura maculou ainda mais a imagem da instituição Igreja Católica. O seu trabalho é difícil e complexo.

No segundo capítulo considero a habilidade comunicacional do Papa Francisco, o desafio de restaurar a imagem da Igreja que comanda e além da necessidade de modernizar o seu discurso, colocando-o par e passo com as questões “terrenas”, do cotidiano do homem de hoje. Nesse capítulo procuro

mostrar que com a publicação de *Laudato Si*, a carta encíclica que em 2015 “endereço” ao mundo (não somente aos católicos), o Papa Francisco encontra um “novo” mote para o discurso para a Igreja Católica. Em *Laudato Si* o Papa Francisco busca primeiramente alcançar a moral/ética dos homens e, num segundo momento, falar à alma.

Colocando em paralelo a encíclica *Laudato Si* com os estudos da Ecologia da Comunicação de Vicente Romano, percebe-se forte influência deste último no trabalho de autoria do Papa Francisco. Não há na encíclica *Laudato Si*, em nenhum dos seus textos e discursos do Papa Francisco e nem em livros de sua autoria ou de terceiros, qualquer indicação direta ou até indireta de que tenha se apoiado nos estudos de Romano para modernizar o discurso da Igreja Católica.

Esta dissertação, no entanto, apoiada na leitura de diferentes autores e em notícias, reportagens, entrevistas e inúmeros discursos do Sumo Pontífice, todos devidamente listados, entende que consegue mostrar que a modernização do discurso da Igreja Católica foi realizada com base nos estudos do pesquisador espanhol.

Avançamos no segundo capítulo reforçando que Francisco é religioso respeitado, que já demonstrou também habilidade política e, em igual maneira, eficácia na comunicação. Transita com competência pelas mídias primária, secundária e terciária estudadas pelo pesquisador alemão Harry Pross. A primária exige a presença do corpo, é o face a face; a secundária é a extensão do corpo por meio de um aparato; e a terciária obriga os usos de aparatos para formalizar a comunicação. Francisco prefere a mídia primária, como já afirmou reiteradas vezes.

Mas de que adianta tanta habilidade comunicacional sem um discurso condizente com a realidade do homem contemporâneo? Para chegar à resposta, pesquisei inúmeros periódicos pela Internet, nacionais e internacionais e autores nacionais e estrangeiros. Amparei todos os apontamentos feitos pela Papa em *Laudato Si* com declarações suas em diferentes lugares, ocasiões, datas e veículos. A encíclica de Francisco se

transformou em discurso e ele o profere em diversas ocasiões, sempre direcionando para um alvo. Na Coréia do Sul, por exemplo, que adotou o regime capitalista de viés neoliberal, ele criticou a adoração do “Deus dinheiro”, ídolo da nova geração.

O sistema capitalista no seu modo neoliberal é alvo prioritário dos ataques mediáticos do Patrono da Igreja Católica, pois o considera vetor de diferentes males que hoje repercute em diferentes níveis da sociedade moderna, resultando em isolamento, individualismo e descarte do ser humano. Para este sistema econômico alcançar este objetivo, na visão de Francisco, o capital atraiu para si o poder político e a comunicação e hoje ambos trabalham a seu favor, em nome do mercado.

Este sistema também usa com eficácia os recursos derivados do avanço tecnológico, o que tem favorecido o isolamento e restringido a convivência entre os humanos. Francisco tem ciência plena e se revela extremamente preocupado com os efeitos da tecnologia na comunicação humana e, igualmente, com a repercussão da comunicação tecnificada na natureza humana, na sociedade e no meio ambiente. Contribui para o agravamento deste quadro a destruição de áreas públicas, os populares de “encontro”, como as praças, por exemplo.

As críticas feitas por Francisco, bem como as geradas pelas ocorrências apontadas em *Laudato Si*, são perfeitamente condizentes com os estudos sobre a Ecologia da Comunicação realizados por Romano. É neste ponto, principalmente, que percebemos a efetiva modernização do discurso da Igreja Católica com a incorporação do discurso da Ecologia da Comunicação.

A ambição desmedida por lucros muito acima do considerado normal e razoável, a adoração do “Deus dinheiro” como diz o Papa, tem estimulado uma onda consumista que ultrapassa em vezes a necessidade real de cada um. Como consequência desta insanidade temos a degradação sem precedentes do meio ambiente e daí o agravamento dos problemas da “saúde” do planeta.

A onda formada por centenas de refugiados que desaguou nas areias da Europa, trazendo homens, mulheres e crianças de diferentes regiões da África

é, em parte, já resultado das alterações climáticas. Eles fogem da falta d'água, da seca, de comida e de trabalho. E das guerras, que também já acontecem por todas estas razões. Francisco tem trabalhado pela aceitação destes seres humanos que nada têm por aqueles que têm mais do que precisam. Ele não cansa de repetir: “Precisamos promover o diálogo, dar as mãos, construir pontes e não muros”. Por ora, tem falado ao vento!

Na conclusão do trabalho, demonstramos a necessidade e urgência do Papa Francisco em modernizar o discurso da Igreja Católica para, principalmente, sensibilizar os jovens e chamar a sua atenção para os problemas graves que hoje afetam os homens e o mundo em que vivemos. Do contrário, a Igreja Católica ficaria a reboque das discussões que já envolvem os grandes atores da cena política, econômica e ambiental do mundo. É certo que esta ausência, redundaria em perda de influência, ou seja, de poder! E na esteira, de fiéis.

O Papa percebeu o risco e *Laudato Si* foi a sua cartada para recuperar o protagonismo da Igreja Católica no cenário mundial. A sua preocupação com o futuro do mundo contemporâneo é tão sincera quanto marqueteira, pois visa, igualmente, o futuro da Igreja Católica. Os jovens a médio e longo prazos serão os que podem salvar o mundo. E também a Igreja Católica do futuro. É claro, se Francisco, com o seu discurso abordando questões que atçam os corações e mentes dos jovens em todo o mundo, conseguir sensibilizá-los e atraí-los.

Por ora, o que se observa e constata-se nas viagens apostólicas do Papa Francisco ao redor do planeta é que milhares de pessoas, não obrigatoriamente católicos, se juntam para ouvi-lo. A primeira impressão é que o seu “novo” discurso surte o efeito desejado. A segunda, é que os estudos de Romano, datados no início da década de 80 do século XX, são atuais e devem servir de alerta para preservação da comunicação humana e saúde psíquica do homem moderno.

2- DE BERGOGLIO A FRANCISCO

Nesse primeiro capítulo apresenta-se rápido perfil do Papa Francisco, ainda em seus tempos de Jorge Bergoglio, na Argentina, país onde nasceu, viveu e desenvolveu a maior parte de sua vida religiosa, que teve início como jesuíta da Companhia de Jesus. Inicia-se mostrando Bergoglio no seio de sua família de origem italiana, fortemente influenciada pelo catolicismo. Sua “Nonna Rosa”, como o papa se refere à sua avó, em italiano, desempenhou papel importante em sua relação sempre próxima à igreja católica. Por isso, não causou surpresa, principalmente em seu entorno social e familiar, a sua decisão de seguir a trajetória religiosa. E foi uma trajetória que pode se afirmar exitosa, ainda que com alguns percalços ao longo do caminho. Teve problemas de liderança quando dirigiu a Companhia de Jesus local; foi acusado de apoiar a Ditadura Militar; e, mais recentemente, de oposição aos últimos governos do País, denominados de esquerda. Não apoiou a Teologia da Libertação, preferiu seguir fiel aos ditames conservadores do Vaticano, à época sob o comando de João Paulo II. Apesar disso, executava um trabalho de apoio bem interessante junto às comunidades pobres das periferias de Buenos Aires. Ele, assim como os seus subordinados, estava sempre de corpo presente nestas localidades, fazia questão em participar da rotina do cotidiano desses lugares. Chamava atenção e não somente dos fiéis da sua paróquia, o fato de ser um homem de gestos e costumes simples e humildes. Gostava de conversar, de mandar cartas e de falar ao telefone, quando necessário, embora jamais tivesse possuído um modelo celular. Só não gostava de conversar com a imprensa, com quem cultivava uma série de desconfianças. Dizia que falava apenas quatro notas e não sabia se os jornalistas a transformariam em música para casamento ou em marcha para funeral. Contratou um porta-voz para a função. Sua escolha para o lugar de Bento XVI tomou a todos de surpresa, notadamente na Argentina onde nunca foi uma unanimidade.

2.1- No início, apenas mais um jesuíta!

O Papa Francisco, o Sumo Pontífice da Igreja Católica, nasceu Jorge Mário Bergoglio, no bairro de Flores, em Buenos Aires, capital da Argentina, na primavera de dezembro de 1936. É o primogênito do casal ítaloargentino Mário Giuseppe Bergoglio Vassallo e Regina Maria Sivori Gogna – ele natural de Portacomaro, Itália, e ela, argentina de ascendência genovesa. Trouxeram ao mundo outros quatro filhos, mais dois homens e duas mulheres: Oscar, Alberto, Marta e Maria Elena.

Mário Bergoglio, o pai de Francisco, é filho de Rosa Margherita Vassallo e Giovanni Bergoglio. A família deixa a Itália e imigra para a Argentina. O trio cruza o Atlântico não apenas para escapar da ideologia fascista que ganhava espaço naquele país, mas, sobretudo, para “fazer a América,” onde a parte precursora da família, os três irmãos de Giovanni, o avô de Papa, já colhia bons resultados no ramo de pavimentação.

Os pais de Mario Bergoglio eram pessoas de origem humilde, que progrediram com o suor do trabalho. Com grande esforço – administravam uma confeitaria - conseguem chegar à classe média. Decidem que o filho deve seguir nos estudos, o que é raro para a época. Mário Bergoglio se forma contador e ainda na Itália chega exercer a profissão por três anos. Depois desembarca junto com a família em terras portenhas, num abafado mês de janeiro de 1929.

O sonho dos Bergoglio de “fazer a América”, no entanto, se transforma em pesadelo. Em 1932, a crise econômica leva à falência os seus negócios. Eles, então, são obrigados a vender tudo, como tantos outros, inclusive o túmulo da família. Para recomeçar a vida, Giovanni, o avô do Papa Francisco, consegue alguns pesos emprestados e compra um armazém; já o pai, Mário Bergoglio, que fazia a contabilidade na empresa da família, se emprega numa outra empresa e segue adiante, sem olhar para trás. Em dezembro de 1935, se casa com Regina Sivori e um ano após, em dezembro de 1936, dá luz a Jorge Mário Bergoglio.

A família do 266º Papa da Igreja Católica jamais foi rica. E embora somente Mario Bergoglio trabalhasse para sustentar a casa (a mulher e cinco filhos), jamais lhes faltou o necessário.

Éramos pobres, mas com muita dignidade, e sempre fiéis àquela que para nós era a tradição italiana...,” contou a irmã caçula do Papa, Maria Elena, ao jornal italiano *La Repubblica*, sobre a vida em família e, em especial, os almoços de domingo depois que todos voltavam da missa na igreja de San José (TORNIELLI 2013, p. 65).

A avó paterna, Rosa, morava próxima à família e todos os dias pela manhã, após o nascimento do segundo filho do casal Bergoglio, levava o menino Jorge Bergoglio para a sua casa e cuidava dele até o anoitecer, quando o entregava de volta aos pais. Em função deste convívio, o neto não apenas aprendeu o dialeto piemontês como teve também a sua iniciação à religiosidade. “*Nonna Rosa*”, como o Papa ainda se refere à avó, carinhosamente em italiano, quando remexe as suas lembranças de infância, foi sempre muito religiosa e tinha o hábito se fazer acompanhada dos netos nos eventos promovidos pela igreja do bairro.

O Papa Francisco revela durante a vigília de Pentecostes, em 18 de maio, que sua primeira experiência de fé aconteceu numa noite de Sexta-Feira Santa, quando foi levado por *Nonna Rosa* à procissão de velas. Ele conta que ao final da procissão, quando passou o Cristo morto, sua avó fez ele e seus irmãos se ajoelharem e disse “vejam, ele morreu, mas amanhã ressuscitará!”: Essa fé, como diz o Papa, que só as mulheres sabem transmitir, as mães, as avós. Uma fé que marca caminho (PIQUÉ, 2013, p. 43).

Jorge Bergoglio passa bastante tempo com a sua avó Rosa e essa proximidade e seus ensinamentos, admite o já Papa Francisco em sua primeira missa de Domingo de Ramos, teve forte influência na sua formação de caráter. O desapego material, uma das marcas mais expressivas de sua trajetória de vida é um dos principais exemplos. Durante a missa, quando denuncia a sede do homem por dinheiro, ele se recorda e menciona uma das lições da *Nonna*

Rosa: Minha avó dizia-nos, a nós meninos: a mortalha não tem bolsos (PIQUÉ, 2013, p. 44).

Aos 13 anos idade Jorge Bergoglio termina a escola primária e vai trabalhar, conforme “sugere” seu pai. O menino não esconde a sua surpresa, pois apesar da ausência de luxo, a família vive razoavelmente bem. Mas acatou sem reclamos a “sugestão” paterna. Foi trabalhar em uma fábrica de meias, inicialmente como encarregado da limpeza e depois no escritório, em tarefas administrativas. Quatro anos depois, então com 17 anos, Jorge Bergoglio matricula-se na Escola Técnica Industrial, onde se especializa em química de alimentos. Na sequência, consegue vaga num laboratório onde trabalha das 7h às 13h. O restante do tempo, até às 20h, preenche com aulas na escola técnica: O trabalho na juventude foi uma das coisas que mais me fizeram bem na vida. Sobretudo no laboratório onde aprendi o bem e o mal de cada atividade humana (TORNIELLI, 2013, p. 68).

O Papa Francisco, na adolescência, divertia-se como os demais adolescentes da época na cidade de Buenos Aires: gostava de jogar pebolim, de dançar no clube e das partidas de futebol, que disputava com os amigos na pracinha do bairro; é até hoje torcedor do Clube Atlético San Lorenzo, time de futebol da primeira divisão argentina, que aprendeu a gostar por influência do pai. O clube foi fundado por um religioso, o padre salesiano Lorenzo Massa, em 1907, como homenagem a São Lourenço, o mártir. A paixão pela música clássica e pelo tango teve novamente seu pai como fio condutor. Ele tinha o hábito de ligar o toca discos, ainda que trabalhando sobre os enormes livros contábeis que trazia para terminar em casa o seu serviço inacabado do escritório. O som se espalha e cobre todos os cômodos.

Nessa fase da vida, Jorge Bergoglio já manifesta aos amigos mais próximos sua intenção de se iniciar na vida religiosa. “Por esta razão”, revela Oscar Crespo, amigo de escola e de trabalho, “ninguém deste círculo de amizade se mostrou surpreso quando Jorge Bergoglio, em 1957, aos 20 anos de idade ingressa no seminário de Vila Devoto”.

Eu vou terminar o colégio com você, mas não serei químico. Serei sacerdote. E não vou ser padre de basílica, vou ser jesuíta, porque vou querer ir aos bairros, às favelas, estar com as pessoas (PIQUÉ, 2013, p. 51).

O Papa Francisco conta que o “chamado” para a vida sacerdotal aconteceu, de fato, alguns anos antes de seguir definitivamente para o seminário. Foi no Dia do Estudante, que coincide com o Dia da Primavera. Ele tinha então 17 anos de idade e havia combinado de ir a uma festa com os amigos. Antes, porém, passou pela paróquia que costumava frequentar e encontrou um padre que não conhecia. E sentiu vontade de se confessar com ele. O Papa Francisco afirma que depois da confissão percebeu que algo havia mudado nele, que ele não era mais o mesmo. Jorge Bergoglio não foi ao encontro dos amigos, preferiu voltar para a sua casa e meditar sobre o que havia lhe ocorrido: Tinha ouvido como que uma voz, um chamado. Fiquei convencido de que devia tornar-me sacerdote (PIQUÉ, 2013, p. 43).

Depois desse “chamado”, o jovem Jorge Bergoglio ainda espera quatro anos para entrar no seminário de Vila Devoto. A decisão pela vida religiosa é aceita de bom grado pelo pai. O mesmo, no entanto, não acontece com a mãe, Regina, que tinha esperança de ver seu filho mais velho formado em medicina, desejo que um dia ele lhe revelou. Tanto que preparou um quarto para que o seu primogênito pudesse se aplicar aos estudos com tranquilidade. Num dia de arrumação, encontra livros de teologia e latim e resolve questioná-lo para saber sobre o seu interesse pela medicina. O Papa Francisco responde a mãe, “sim, mas medicina da alma”.

Nonna Rosa já sabia, mas esperou que o neto lhe contasse oficialmente a novidade. Mostrou-se receptiva à ideia. E a reforçou dizendo que se Deus chama, é uma benção. No entanto, fez ao neto uma advertência importante para tranquilizá-lo, como ele próprio relata, já na função de Cardeal Bergoglio, de Buenos Aires, a Sérgio Rubin e Francesca Ambroghetti, autores do livro “Papa Francisco – conversa com Jorge Bergoglio”: Lembre-se, por favor, que as portas da casa estão sempre abertas e que ninguém irá repreendê-lo caso você decida voltar (PIQUÉ, 2013, p. 53).

Jorge Bergoglio, agora um noviço, não volta mais para ficar. Quando vai à casa dos pais, é apenas como visitante.

Logo nos primeiros meses no seminário diocesano de Vila Devoto, à época administrado pelos jesuítas, Jorge Bergoglio é vítima de pneumonia grave, que o deixa à beira da morte. Internado no hospital Sírío-Libanês de Buenos Aires, os médicos fazem uma oblação na parte superior do seu pulmão direito. Durante vários dias o noviço sofre com febres altas e dores insuportáveis. No período de convalescência, na vila salesiana Don Bosco, nas serras de Tandil, Jorge Bergoglio decide abandonar o seminário de Vila Devoto e ingressar na Companhia de Jesus. Quer ser missionário.

Em 1958, aos 21 anos de idade, ingressa no noviciado da Companhia de Jesus, em Córdoba, onde permanece estudando por quatorze anos. Dois anos após sua entrada, faz votos de pobreza, castidade e obediência. É enviado ao Chile para estudos humanísticos. Em 1964 volta à Argentina, mais precisamente para a província de Santa Fé. Não é padre, apenas *maestrillo*, designação dada pela Companhia de Jesus para os noviços que ainda estudam filosofia. Paralelamente, assume como professor numa das boas escolas da Companhia, o Colégio de La Inmaculada Concepción de Santa Fé, que é frequentada por filhos da elite argentina. No decorrer desse tempo, gradua-se em licenciatura, na Faculdade de Filosofia do Colégio Máximo San Jose, dos jesuítas.

Em 1965, após o Concílio Ecumênico Vaticano II, o padre progressista Pedro Arrupe é eleito como superior geral da Companhia de Jesus. Jorge Bergoglio vê na mudança a oportunidade de dar vazão à sua gana missionária. Escreve a Arrupe pedindo para ser enviado ao Japão ou, então, a qualquer outro país. O pedido, no entanto, é recusado por causa de seus conhecidos problemas de saúde. Em 1969, é ordenado padre. Um ano depois, viaja para a Espanha para a etapa final de sua formação no Colégio San Ignacio de Loyola de Alcalá de Henares. No retorno ao seu país de origem, se forma em Teologia.

O final de década de 60 e início da década de 70 não foram nada fáceis em muitas partes do mundo. A agitação política e social era enorme. A Argentina não foi exceção. Em 1973, Jorge Bergoglio, aos 36 anos, depois de ter sido mestre dos noviços na Vila Barillari, professor na Faculdade de Filosofia e reitor do Colégio Máximo, é indicado como provincial da Companhia de Jesus, um posto importante, com amplos poderes.

O novo provincial, agindo de forma dura e autoritária, granjeia inimigos. É acusado – não sem razão - por muitos de seus comandados de ser de direita e ultraconservador. Para seus detratores, o provincial Bergoglio quer reforçar valores e estilos pré-vaticanos entre os jesuítas, o que fazia com que a Companhia de Jesus argentina não andasse em sincronia com as demais “Companhias” de Jesus da América Latina. Os tempos da Igreja Católica na região eram de Teologia da Libertação e como contraponto, também de Ditaduras Militares. Água e óleo!

Tinha 36 anos, uma loucura. Era preciso enfrentar situações adversas e eu tomava as decisões de modo brusco e individualista. O modo autoritário e rápido de tomar decisões trouxe-me sérios problemas, além da acusação de ser ultraconservador. Claro, não sou a certamente como a beata Imelda, mas nunca fui de direita. Foi meu modo autoritário de tomar decisões que criou problemas”, admite o Papa Francisco em entrevista à revista jesuíta *La Civiltà Cattolica* (PIQUÉ, 2013, p. 63).

No governo da Argentina, o ditador de plantão é general Rafael Jorge Videla (1976 / 1981), que depois de um golpe de Estado assume o lugar da presidenta eleita, Isabelita Perón. O medo paira no ar. Os direitos humanos são sistematicamente violados, com tortura e assassinatos de homens e mulheres considerados opositores ao regime. Parentes dos acusados foram mortos e seus filhos sequestrados.

É desse período tenso da história argentina que sobressai a acusação gravíssima contra o provincial Jorge Bergoglio, a de “colaborar” com a sangrenta ditadura militar. Dizem seus opositores de dentro e de fora da Companhia de Jesus que ele entregou aos militares dois padres jesuítas,

Orlando Yorio e Francisco Jalics. Ambos desenvolviam trabalho social nas favelas ao redor da Capital argentina e desapareceram em maio de 1976. Durante cinco meses nada se soube sobre os dois padres, presos e sequestrados numa operação do exército que capturou também quatro catequistas e os maridos de duas delas. Estes leigos jamais reapareceram.

O principal e mais contundente acusador de Jorge Bergoglio é o jornalista Horácio Verbitsky, ex-montonero, grupo clandestino armado e opositor do regime militar, e presidente do Centro de Estudos Legais e Sociais (CELS). Autor do livro *História Política da Igreja Católica*, que também foi publicado no jornal Página 12, um dos mais populares da Argentina, Verbitsky critica a atitude de Jorge Bergoglio que, segundo ele, quer “limpar a Companhia dos ‘jesuítas esquerdistas’”. Outro que aponta o dedo acusador para o Papa Francisco em razão do seu passado no período da ditadura militar é o advogado, professor e líder na defesa dos Direitos Humanos, Emílio F. Mignone, autor do livro *Iglesia y Dictadura*.

Em 1976, na mesma operação que sequestra os padres jesuítas Yorio e Jalics, no bairro de Rivadavia, Mônica Mignone, filha de Emílio Mignone também é levada. O autor de *Iglesia y Dictadura* compromete Jorge Bergoglio em seu livro:

Por diferentes expressões ouvidas por Yorio em seu cativeiro, fica claro que a Marinha interpretou tal decisão e possivelmente algumas manifestações críticas de seu provincial jesuíta Jorge Bergoglio, como uma autorização para proceder contra ele. Sem dúvida, os militares haviam advertido ambos sobre sua suposta periculosidade”, escreveu Emílio Mignone sobre o envolvimento no caso, além de Jorge Bergoglio, do arcebispo Aramburu (MIGNONE, 2006, p. 27).

Jorge Bergoglio busca aproximação com Mignone, que durante muito tempo resistiu. Alícia de Oliveira, a quem Bergoglio acolhe quando é perseguida pelo regime militar, consegue reunir os dois em Buenos Aires, no Colégio San Salvador. O pacifista e ativista dos Direitos Humanos, preso e torturado pela ditadura, prêmio Nobel da Paz, o argentino Adolfo Pérez Esquivel, exime de responsabilidade o provincial Jorge Bergoglio tanto no

desaparecimento dos padres jesuítas como no apoio à ditadura Militar. Ele também é “inocentado” pela Anistia Internacional.

O então provincial da Companhia de Jesus, padre Jorge Mário Bergoglio, contribui para ajudar os perseguidos e se empenhou de todos os modos para que os sacerdotes de sua ordem que tinham sido sequestrados fossem soltos. Todavia, como já tive ocasião de ressaltar alhures, não participou, então, da luta em defesa dos Direitos Humanos contra a ditadura militar”, declara Esquivel no livro *a Lista de Bergoglio*, que trata do resgate por Jorge Bergoglio de perseguidos políticos pelo governo que então dirigia a Argentina (SCAVO, 2013, p.11).

Em 2010, Jorge Bergoglio já ocupa o posto de cardeal de Buenos Aires e é convidado a esclarecer sobre o seu papel nesse período conturbado da política argentina. Negou todas as acusações, porém revelou ter se reunido com o ditador Jorge Videla e o almirante Massera para pedir ajuda em favor da vida dos dois religiosos então desaparecidos.

Como “contraprova” aos livros que acusam Jorge Bergoglio de cumplicidade com o regime militar, o jornalista italiano Nello Scavo, do jornal *Avvenire*, escreveu a “Lista de Bergoglio”, como deixa claro o título do volume, inspirado no filme americano a “Lista de Schindler”, dirigido por Steven Spielberg, sucesso mundial em 1993 e baseado no livro *Schindler’s Ark*, de Thomas Keneally, publicado em 1982, que conta a história do industrial alemão, Oskar Schindler, que salvou mais de mil judeus do holocausto ao empregá-los em sua fábrica de painéis.

Scavo sustenta, por meio de inúmeras entrevistas pessoais com perseguidos pelo regime militar e salvos pela coragem do cardeal, que os acolheu e os escondeu em dependências da Igreja Católica até tirá-los a salvos do País de forma clandestina, que são totalmente infundadas as desconfianças de que Bergoglio tenha colaborado com o governo militar.

Não me consta que Bergoglio tenha colaborado com a ditadura; conheço-o pessoalmente. Sofri com o desaparecimento de um filho.

O meu amigo Perez Esquivel quase foi morto pelos militares. Mas não se pode dizer que todos os religiosos eram cúmplices da ditadura. Isso é um absurdo!” afirma Graciela Fernández Meijide, ex-membro da Comissão Nacional sobre os desaparecidos (SCAVO, 2013, p.70).

Defensores e simpatizantes do cardeal argentino também contestam os dois autores que acusam Bergoglio. Sergio Rubin, biógrafo oficial de Jorge Bergoglio, em 2013, ouvido pela BBC, grupo britânico de comunicação, declarou que a Igreja Católica falhou ao não confrontar direta e abertamente a ditadura argentina e “seria injusto culpar apenas Bergoglio por esse erro”. Na biografia Rubin menciona relatos do novo papa de que ele teria tentado salvar argentinos perseguidos pelo regime, escondendo fugitivos em propriedades da Igreja.

Sob a liderança de Bergoglio, em 2000, os bispos argentinos pediram desculpas por sua incapacidade de proteger os fiéis do País durante o período da ditadura – mas a declaração culpava tanto os militares quanto os seus “inimigos” pelos abusos. Nenhum outro setor fez manifestação semelhante. Nenhuma palavra foi escrita em defesa de Jorge Bergoglio por causa das desconfianças existentes em torno de seu nome

No final dos anos 80 e início dos anos 90, a Companhia de Jesus se vê envolta num conflito interno desgastante. Jorge Bergoglio não é mais o provincial, mas ainda exerce considerável influência em alguns setores da Ordem. Em 1987 é eleito procurador de uma congregação da Companhia de Jesus em Roma e depois segue para o Japão. Na volta viaja pelos conventos argentinos. Sua influência incomoda as lideranças da congregação e para neutralizá-la, em 1990, é enviado, sem grandes explicações, como confessor na residência de Córdoba, a 700 km de Buenos Aires, onde permaneceu por dois anos. Na verdade, um exílio para deslocá-lo da proximidade do centro de poder da Companhia. Jorge Bergoglio, como mostra a sua história de vida, sabe lidar muito bem com as adversidades e, assim, aproveita a estada na região do pampa argentino para ler e escrever e se corresponder com amigos e familiares.

Sob os auspícios de Antônio Quarracino, arcebispo de Buenos Aires e cardeal primado, Jorge Bergoglio retorna à capital do País para ser o seu braço direito. Quarracino não mede esforços e nem se envergonha em pedir favores para que se interceda junto ao papa João Paulo II para a nomeação do padre jesuíta “exilado” na cidade de Córdoba como seu auxiliar. Em 1992, o Papa polonês nomeia Jorge Bergoglio como bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. Aos 55 anos é designado vigário episcopal de Flores, bairro em que nasceu, conhece como a palma de sua mão e onde estão guardadas as suas melhores recordações da infância e adolescência. No ano seguinte, é nomeado vigário geral, o que significa ser “o número dois” do arcebispado.

Novo cargo, novas responsabilidades, tanto administrativas como institucionais, mas nada capaz fatigar o seu ânimo ou entristecer a sua alegria. Por isso, além das atribuições de rotina, procura estreitar relacionamento com os padres seculares e transmitir-lhes suas preocupações com a pobreza, a educação e o diálogo inter-religioso. Apesar da ascensão na hierarquia da igreja, mantém o seu perfil baixo, bem discreto. Jorge Bergoglio não esquece um ensinamento importante deixado por seu pai, que morreu jovem e não pode seguir o seu caminho pelas tortuosas vielas da igreja: Cumprimente as pessoas quando você vai subindo, pois você as vai encontrar quando estiver descendo (PIQUÉ, 2013, p. 98).

Quarracino torna-se quase que um protetor de Jorge Bergoglio e intercede novamente por ele em Roma, agora para que seja nomeado como coadjutor - bispo com direito a sucessão no comando do arcebispado. Sua designação acontece em 1997 e no seguinte, em fevereiro, morre o cardeal Quarracino. Com a vacância no posto, Jorge Bergoglio automaticamente assume como cardeal de Buenos Aires. É oficializado na função em 2001, pelo Papa João Paulo II.

2.1.1 Cardeal do fim do mundo conquista o Vaticano

A morte “sem aviso prévio” do cardeal Quarracino pega a todos de surpresa, inclusive a Jorge Bergoglio, seu coadjutor, que de uma hora para outra se vê como cardeal de Buenos Aires, uma das maiores, mais conhecidas e importantes cidade das Américas. Como consequência, recebe também uma série de novas responsabilidades, desafios e problemas. Agora ele é centro das atenções!

E um grande problema para resolver é o que ele tem como principal tarefa assim que assume a nova função. Estoura o escândalo da falência fraudulenta do Banco de Crédito Provincial - BCP - prejudicando milhares de poupadores. Monsenhor Roberto Toledo, colaborador de Quarracino, está envolvido. Nesse momento a Argentina é governada pelo presidente Carlos Menem e os filhos do “seu” embaixador no Vaticano, Francisco Trusso, são os administradores do banco. São todos muito amigos. Quarracino, então, aparece envolto numa operação financeira suspeita. Usou de suas conexões como cardeal para ajudar Francisco Javier Trusso a obter empréstimo de US\$ 10 milhões na Sociedade Militar Seguro de Vida. Ele saca todo o dinheiro e desaparece. Dizem que o escândalo apressou a morte do cardeal.

Quando o agora cardeal Bergoglio começa a apurar o caso, o jornalista Jorge Lanata, um dos mais conceituados do País, revela na tevê a trama financeira que implica a Igreja Católica. A repercussão é grande. Ato contínuo: a Justiça executa mandado de busca no arcebispado.

A “crise corporativa” que lhe é herdada leva à frente da diocese os principais veículos de comunicação do país. O cardeal Bergoglio nunca escondeu os seus receios de falar à imprensa. Dizia que os jornalistas tinham o dom de inverter as palavras. No entanto, neste caso em especial, sua recusa é parte de uma estratégia comunicacional elaborada em conjunto com o padre Guillermo Marcó, a quem convoca para ajudá-lo na gestão da crise. Marcó, desde então, torna-se o seu porta-voz.

...definimos que ele não daria entrevistas. O motivo era de que não se sentia capacitado naquele momento e que a percepção geral era de que quando um bispo dava entrevistas, começavam perguntando sobre a Virgem Maria e terminavam falando sobre política. Depois, o que acabava saindo publicado era o que ele não havia querido dizer. Então, definimos que a sua presença ter de ser objetiva. Como? Por meio das homilias que nós cuidaríamos para que os jornalistas tivessem acesso antes que fossem pronunciadas, revela Marcó (PIQUÉ, 2013, p. 151).

Como resposta efetiva ao caso, o novo cardeal convoca auditoria internacional e entrega toda a contabilidade à Justiça visando provar que o dinheiro não ingressou na entidade. Cabe ressaltar, como sequela do escândalo, a viagem e um grupo de religiosos contrários a Bergoglio a Roma para tentar denegrir sua imagem diante de algumas congregações do Vaticano. Tinham-no como um protegido do cardeal Quarracino. E, por isso, favorecido por ele. O esforço do grupo foi em vão!

Embora não tenha atendido os repórteres, o cardeal Bergoglio assina uma nota, distribuída a todos os veículos do País, onde apresenta a posição oficial da diocese sobre o tema. A nota foi considerada um avanço, pois até então ninguém da igreja jamais tinha se pronunciado sobre o escândalo. O novo cardeal começa a impor o seu próprio estilo de administrar.

A austeridade e a simplicidade, duas características sempre ressaltadas do caráter do cardeal Bergoglio, são raízes bem fincadas ainda na sua origem, na casa de seus pais. E este rigor não muda agora que se encontra no topo de pirâmide hierárquica da igreja católica argentina. Tanto que simplesmente abre mão da confortável e elegante residência do arcebispado, em Olivos, assim como do amplo escritório do cardeal e do seu carro oficial. A residência foi transformada em retiro espiritual, o escritório em depósito. O motorista particular e o segurança pessoal foram alocados em outras funções. O novo cardeal vai morar num pequeno quarto da cúria de Buenos Aires, seus deslocamentos pela cidade são feitos á pé, de metrô e ônibus. Quando é oficialmente empossado pelo Papa João Paulo II, no Vaticano, pede aos fiéis

que querem ir à Itália para acompanhar a cerimônia que doem o dinheiro da passagem aos pobres.

A sua pobreza pessoal não é oportunista nem mediática. Todos sabem que sempre foi assim. Austero até o sacrifício. Sabe-se que, quando alguém possui responsabilidades importantes, busca utilizar os meios que lhe permitam otimizar o tempo empregado. Todavia, Bergoglio permanece coerente com a sua escolha sincera de vida pobre. Nunca se sentiu digno de ser servido e são conhecidos os seus gestos de serviço humilde, evitando demonstrar superioridade. A sua escolha de uma simplicidade austera não corresponde a um ideal estoico, nem a simples amor pela pobreza, mas a um seu desejo de se tornar acessível, de forma que os pobres possam estar com prazer junto de seus pastores e sentirem-se em casa na Igreja, escreveu o monsenhor Víctor Manuel Fernandez, colaborador do cardeal Bergoglio (STRAZZARLI, 2014, p. 127).

Os pobres desamparados, os desvalidos e os excluídos são a grande preocupação do cardeal, que apoia com vigor os padres das favelas (curas villeros) e o trabalho que realizam nas comunidades mais carentes que circundam o centro de Buenos Aires. Diz aos sacerdotes que “devem ter o cheiro das ovelhas”: Do nosso trabalho lhe interessava que estivéssemos presentes, em carne e osso. E que rezássemos”, conta Juan Isasmendi, “padre de favela”, desde 2007 (PIQUÉ, 2013, p.105).

O cardeal Bergoglio quer uma igreja que sirva ao povo e não que viva olhando apenas para o seu próprio umbigo, fechada em si. É também crítico ferrenho dos padres obcecados por temas de moral sexual. Pede aos sacerdotes, quando no confessional, que sejam apenas misericordiosos e que não compliquem a vidas das pessoas com normas impostas autoritariamente de cima.

A sua preferência pelos pobres marca toda a sua vida. Quando arcebispo a promoveu-a, dando apoio privilegiado aos padres que vivem nos aglomerados e nos quarteirões pobres. É, porem, uma opção que deve ser entendida no contexto de tudo o que foi dito até aqui. O pobre não é somente objeto de um discurso, nem o destinatário de mera assistência, muito menos de ‘promoção’ que pretende somente libertá-lo de seus males. A escolha pelos pobres é tudo isso, mas mais do que isso. Porque significa prestar atenção

neles, tratá-los como pessoas que pensam, que têm seus projetos, incluído o direito de exprimir a sua própria fé a seu modo. São sujeitos ativos e criativos a partir de sua cultura; não só objetos de discussão, de reflexão ou de programas pastorais, escreveu monsenhor Victor Manuel Fernandez no posfácio *Um retrato ao vivo* (STRAZZARI, 2014, p. 129).

Além de visitar e recebê-los fora da agenda, o cardeal Bergoglio se reúne com os padres das favelas mensalmente para escutá-los. Dá atenção especial à busca de soluções para dois problemas que considera prioritário: a integração urbana das favelas e o estado de exclusão de sua população, principalmente em razão dos estragos causados pelas drogas. O cardeal de Buenos Aires é presença constante nessas localidades. Visita favelas, muitas vezes sem qualquer aviso prévio, participa de festas das padroeiras, de procissões, ofícios da Semana Santa e na administração de sacramentos. Bergoglio é incansável e na luta por mais atenção oficial aos necessitados, não se preocupa com a contundência das palavras.

Vemos em Bergoglio um sujeito que coloca cruamente as mesmas coisas que nos falamos. Até mais do que nós. Ele sempre considerou que essa situação é resultado de políticas econômicas injustas, que não atendem a dignidade do homem, diz Juan Grabois, advogado e militante do Movimento dos Trabalhadores Excluídos (PIQUÉ, 2013, p.145).

Embora revele tendências políticas de esquerda quando empunha a bandeira da Justiça Social em suas lutas, o cardeal Bergoglio resiste com todas as forças às investidas da Teologia da Libertação. Aliados dizem que ele nada mais fez do que se manter fiel ao Papa João Paulo II, de apoio claro e público à Santa Sé. Ajudou-o nesse embate o seu conhecimento das correntes filosóficas, sociológicas e políticas que vigoravam naquele momento.

Para Carlos Velasco Suárez, professor e psiquiatra, fundador do Movimento Humanista e muito amigo do cardeal, a sua transferência para o exílio em Córdoba nada mais foi do que uma vingança dos adeptos da Teologia

da Libertação que conseguiram chegar a cargos de alta direção na Igreja. Bergoglio, afirma Velasco, tinha posicionamento firme quanto a esta questão.

Nesse contexto de confusão ideológica e de esquemas sociológicos que se infiltravam na igreja, uma vez ele me disse: “olhe doutor, a única pastoral que eu entendo é a pastoral do corpo a corpo. Não acredito nesses esquemas utópicos despersonalizantes e desumanizadores” (PIQUÉ, 2013, p. 69).

Bergoglio foi acusado de colaborar com a ditadura militar argentina, não fugiu do embate com os simpatizantes da Teologia da Libertação e manteve-se de cabeça erguida quando seus opositores o acusaram de ter sido protegido e privilegiado pelo falecido cardeal Quarracino. Estes “ataques”, que geraram desconfianças, não o inibiram e nem o intimidaram. Ele seguiu sem alterar a sua rotina de trabalho, frequentando favelas, os bairros pobres, construindo pontes com outras religiões e defendendo suas bandeiras com a gana de sempre. Não deixou, por exemplo, de criticar mordazmente o sistema econômico adotado pelo país, que produziu falências e desempregos. Para o cardeal Bergoglio, o novo imperialismo do dinheiro elimina até o trabalho.

A economia especulativa não precisa mais do dinheiro, não sabe nem o que fazer com o trabalho, segue o ídolo do dinheiro, que se reproduz por si mesmo e, por isso, não tem escrúpulos em transformar milhões de trabalhadores em desempregados, pobres e miseráveis (TORNIELLI, 2013, p. 103).

A força de suas palavras sobre a pobreza e justiça social incomodavam lideranças políticas do país, sobretudo os ex-presidentes Nestor Kirchner (2003/2007), já falecido, e a sua esposa, Cristina Kirchner (2007/2015 – dois mandatos). Os dois governaram a Argentina por 12 anos. O casal Kirchner, vez por outra, interpretava as falas de Bergoglio como críticas ao universo político. Certa ocasião, o cardeal da Capital da Argentina disse: “Em Buenos Aires, a escravidão não foi abolida. Aqui há quem trabalhe como trabalhavam os

escravos”. É importante colocar que a relação entre o casal político e o religioso teve um início amistoso. Logo depois de eleito presidente, Nestor Kirchner encontrou-se com o cardeal Bergoglio e ambos perceberam durante a conversa a existência de pontos comuns em seus discursos sobre como recuperar a vida desgastada e o desenvolvimento lento do país. Mas as diferenças não demoraram a aparecer. Bergoglio as expôs com contundência na homilia *Te Deum*. O cardeal atacou o exibicionismo do novo governo.

Em algumas comemorações religiosas ou eventos importantes que envolviam a igreja, o casal trocava a “basílica de Bergoglio” por outras capelas menores que existem na cidade. Os Kirchners não aceitavam ouvir do púlpito que sua política não era em benefício do povo. Era a prática do desencontro!

Apesar das faíscas produzidas pela relação, não raro conflituosa entre política e a religião – dependendo do local e situação, são como água e óleo, não se misturam – o cardeal Bergoglio não a demoniza e nem atribui a ela todos os problemas existentes no país. Ao contrário, o futuro Papa vê com bons olhos o que considera como “boa política”.

Estimulo os jovens a entrarem para a política e serem responsáveis: a política é uma das formas superiores de caridade, é trabalhar para o bem comum, e temos que resgatar a política das conjunturas que a sujaram (PIQUÉ, 2013, p. 148).

Em 2001, Eduardo Duhalde governa a Argentina. Ele substitui a Fernando de La Rúa, que renunciou ao mandato. Nesse período, o país vive dias extremamente conturbados nas áreas política e econômica. O povo sai às ruas e aquece ainda mais o ambiente, que já beira a desintegração social. Em meio a esta turbulência, o cardeal Bergoglio promove a formação da Mesa do Diálogo Argentino, reforçando o seu forte traço ecumênico. Participam representantes de diferentes cultos para trabalhar pelo país. Um ano depois cria a Instituto Inter-Religioso, integrado por líderes religiosos muçulmano, judeu, protestante e, claro, católico: Não privatizemos o nome de Jesus. Se não

o compartilhamos com outrem, é porque não o entendemos”, conclamou o cardeal Bergoglio durante evento do Creces (PIQUÉ, 2013, p. 111).

Bergoglio é um clérigo respeitado pela inteligência, cultura, espírito de liderança, dedicação aos pobres, abertura para o diálogo e jogo de cintura político não somente por seus pares argentinos, que o conhecem atuando em diferentes frentes desde a sua entrada para a vida religiosa, mas também por lideranças católicas regionais, como fica patente na V Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), realizado na cidade de Aparecida do Norte, interior de São Paulo, Brasil, em 2007, quando é designado presidente do comitê de redação do documento final que, mais tarde, representará o programa de ação do pontificado de Francisco.

“Embora seja uma obra coletiva, o documento tem uma marca bergogliana. Muitas das ideias principais são próprias da visão espiritual e apostólica de Bergoglio. Concretamente, focaliza o encontro com Jesus como base do discipulado e, partindo da união com Cristo, a tarefa de missionar. Discípulos e missionários de Cristo. O documento insiste continuamente na missão para os que se afastaram”, explica o padre Mariano Fazio, vigário regional da Opus Dei na Argentina (PIQUÉ, 2013, p. 129).

O cardeal Bergoglio é um homem inteligente, bem humorado, irônico como todo bom argentino e muito sensível. Como poucos, sabe encaixar bem as suas palavras. Seus discursos, assim como as suas homilias, não raro são curtos e objetivos. Diretos no alvo, sempre! Ele impressiona seus pares, antigos e novos, na Celam, em Aparecida, como acontecerá também na sua primeira participação em um Conclave, em 2005, que escolheu o cardeal alemão Joseph Ratzinger, depois Papa Bento XVI, como o sucessor do Papa polonês João Paulo II, recém-falecido.

Naquela ocasião, para a sua surpresa, dos católicos e, sobretudo, dos vaticanistas – estudiosos e jornalistas especializados no cotidiano e na política do Vaticano -, “competiu” voto a voto com o cardeal alemão é só não foi até a última rodada porque confessou aos colegas cardeais não se sentia

devidamente preparado para ocupar a “cadeira de Pedro”. Pediu que não mais votassem em seu nome.

Um velho amigo de Bergoglio revelou à jornalista italoargentina Elisabetta Piqué, autora do livro “Papa Francisco, vida e revolução”, que o cardeal retornou do Conclave para a Argentina muitíssimo impressionado. “Ligou para mim e disse: ‘doutor, o senhor não imagina o que sofri’. Sentira-se usado por alguns que, ao verem que ‘iam perdendo’, propuseram o nome dele contra Ratzinger. Voltou muito abalado com isso”.

Na verdade, o cardeal Bergoglio experimentou de corpo presente a disputa política feroz que há tempos existe no interior da Igreja Católica e que voltou a se manifestar com força e abertamente no Conclave que definiu o seu nome para o lugar de Bento XVI, que surpreendeu o “mundo católico” com o seu pedido de renúncia do “posto de Pedro”, atitude totalmente inusitada na história milenar do catolicismo.

O cardeal argentino não chegou à Itália como possível candidato. Não era nem citado na “bolsa de apostas” dos vaticanistas. Para estes, principalmente os profissionais de imprensa, os favoritos eram Ângelo Scola, arcebispo de Milão e Odilo Pedro Scherer, arcebispo de São Paulo. Os especialistas em “Vaticano” se referiam a disputa como um “match Itália e Brasil”. O “duelo” imaginado pela mídia especializada, se de fato ocorresse, seria entre dois representantes da ala conservadora da Igreja Católica.

A ala reformista, que entende como urgente as mudanças necessárias para a Igreja Católica se adequar do mundo contemporâneo, não se vê presente na disputa entre os dois cardeais apontados como favoritos para substituir o padre abdicante. É nesse espaço que surge o nome do cardeal argentino.

Na noite anterior do anúncio do nome do novo Papa, no jantar com o seu conterrâneo, o cardeal Leonardo Sandri, prefeito da Congregação das Igrejas Orientais no Vaticano, Bergoglio é advertido por ele sobre a possibilidade do seu nome ser novamente indicado pelos cardeais. Sandri

apontou um grupo forte de cardeais formado por latino-americanos, asiáticos, africanos e até alguns italianos, dispostos a lançá-lo ao trono de Pedro.

Depois de quatro “fumaças” escuras, que indicaram a indefinição dos cardeais por um nome, a chaminé da Capela Sistina expele a fumaça clara, ansiosamente aguardada, para delírios da multidão de fiéis e curiosos que se concentram na Praça São Pedro na expectativa do anúncio oficial do “*Habemus Papam*,” tradicionalmente feito pelo cardeal protodiácono e decano (o mais velho entre os cardeais da ordem dos diáconos).

O eleito é o cardeal argentino Jorge Mário Bergoglio, o 266º Papa da Igreja Católica que, para surpresa de todos, cardeais do Conclave e vaticanistas, decide que seu nome papal será Francisco, inspiração que ele revela, veio da história simbólica de Francisco de Assis, o santo da cidade de Assis, Itália, que dedicou a sua vida aos pobres dentre os mais pobres.

Sua eleição, por si só, foi repleta de ineditismos. Pela primeira vez, a Igreja Católica tem um líder latino americano. Pela primeira vez, um jesuíta. E, pela primeira vez, alguém adotava o nome Francisco – sugestão dada a Bergoglio pelo seu colega brasileiro, o cardeal emérito de São Paulo d. Claudio Hummes, que pediu a ele que não se esquecesse dos pobres (BBC NEWS – Brasil / 03-2018).

A escolha de um santo franciscano, inédita na história da Igreja, de início causou estranheza, pois o novo Papa é jesuíta. Estava claro que a opção de Bergoglio carregava uma forte mensagem não somente para a Opinião Pública, mas principalmente para o próprio clero, de que a partir daquele momento a Igreja Católica passaria por mudanças, por uma nova orientação.

Se a escolha do nome é o primeiro sinal utilizado pelo novo Papa para indicar a orientação que deseja imprimir ao seu pontificado, a de Francisco está clara: pobreza, austeridade, humildade, Jesus Cristo, natureza, amor a Deus e às suas criaturas (VIDAL / BASTANTE, 2013, p. 19).

A Igreja Católica há tempos sofre com o desgaste gerado por escândalos públicos, que vão de intrigas internas à pederastia, passando por rombos financeiros e culminando no envolvimento com a máfia italiana. Como consequência, sua imagem de autoridade moral é posta em xeque! A perda de fiéis, notadamente na Europa, berço da Igreja Católica, é alarmante. É crescente o número de ateus e agnósticos. Diante desse quadro, a abdicação de Bento XVI abre uma oportunidade inesperada para a ala progressista impor o candidato que entende ser o indicado para promover as mudanças que a igreja precisa. O cardeal Bergoglio, agora Papa Francisco, tem o perfil e as qualidades desejadas.

Capaz, inteligente, profundamente espiritual e homem de sólida personalidade, não se amedrontaria na hora de por na linha ou reformar com profundidade a Cúria Romana (...). Ou seja, em mãos de um Papa confiável, com experiência, decidido, dos que tem pulso firme. 'limpo' e com coragem para terminar a limpeza que Bento XVI não pode ou não deixaram terminar (VIDAL / BASTANTE, 2013, p. 27-28).

A personalidade forte de Bergoglio, sua postura firme, mas agregadora, visão ecumênica, espírito de liderança, dedicação aos mais necessitados e estilo de vida austero, qualidade que tanto sensibilizaram os cardeais que o escolheram para a missão de conduzir a Igreja Católica, foram forjadas muitos anos antes, no seio de uma família italoargentina extremamente católica, que buscava seguir com rigor os mandamentos da Igreja. A vocação, tal como aconteceu com João Paulo II, o encontrou já entrando na fase adulta e atuando como operário.

E como será a Igreja Católica - há anos navegando em mar revolto de escândalos e deserções de fiéis - a partir do Francisco, o Papa do fim do mundo - como se referiu a si próprio no dia do anúncio de seu nome -, perguntavam ansiosos os meios de comunicação do Velho Continente. O padre Tomás Llorente, que conheceu o padre Bergoglio no final dos anos 70 e junto com ele foi membro do Conselho Presbiteral, arriscou uma resposta.

Será uma Igreja dos pobres, mas também dos ricos, porque os ricos têm o dever de dar. Como cristão, os ricos cumprem seu papel dando aos pobres. Por isso, a Igreja de Bergoglio será aberta a todos, um lugar onde todos podem entrar, não há exclusividade, não há poderosos de um lado e os pobres do outro. Um coração aberto aos irmãos, essa é a mensagem de Bergoglio, e o esforço para perdoar. Claro, perdoar é difícil, mas exatamente por isso é um gesto cristão, porque nos torna melhores (GRIMALDI, 2013, p. 71).

O Papa Francisco comemorou em 2018 o primeiro quinquênio como líder máximo da Igreja Católica. Teólogos, vaticanistas e jornalistas especializados em religião fizeram para a BBC News – Brasil um balanço da Igreja Católica depois da chegada de Francisco. Segundo eles, o estágio atual ainda está longe do ponto desejado pela própria Igreja, que precisa livrar-se de seus fantasmas para restaurar a sua autoridade moral. No entanto, é quase consenso de que houve sim avanços consideráveis. Percebe-se um esforço verdadeiro por parte da Igreja Católica para se adequar aos novos tempos.

Francisco trouxe para a Igreja uma visão revigorante, interessante e atraente. Enquanto outros papas se concentraram na aplicação de regras ou normas doutrinárias, ele tenta atrair as pessoas para a mensagem primordial: uma Igreja que espalha a boa-nova de Jesus por meio do encontro, do diálogo e do testemunho, analisa o vaticanista Joshua J. McElwee (BBC NEWS – Brasil 3/2018).

Os cinco anos do pontificado de Francisco são um bálsamo de oxigênio para os cristãos, e braços abertos aos outros crentes e mesmo aos ateus que buscam a verdade e a justiça no mundo, afirma Fernando Altemeyer Junior, professor PUC-SP (BBC NEWS – Brasil 3/2018).

A sua visão de Igreja, quando fala de misericórdia, de acolher os mais fracos, de não forçar uma visão idealizada da família, de pensar no ambiente em que vivemos que foi doado por Deus, e que se não cuidarmos prejudicamos em primeiro lugar os mais frágeis da sociedade... Tudo isso é guiado por uma visão pastoral, muito próxima das pessoas, lembra o jornalista Filipe Domingues, que acompanha de Roma o atual pontificado desde o início (BBC NEWS – Brasil 03/2018).

Resta claro, pelas observações dos especialistas ouvidos pela BBC News – Brasil, que o balanço do quinquênio do papado de Francisco é positivo.

Interessante observar também o acerto dos prognósticos feitos há cinco anos por aqueles que conheceram Bergoglio e conviveram com ele em boa parte de sua vida, como são os casos dos padres Llorente e Juan Carlos Scanonne, este seu ex-professor na Faculdade de Filosofia e Teologia de San Miguel.

... ele está a vontade para agir como achar melhor. Mas acho que não lhe tremerão as mãos de tiver que dar início as reformas internas na Igreja. Mas não vai fazer isso de maneira impulsiva. No fundo, tem origem italiana, piemontesa, de modo que se moverá muito diplomaticamente, saberá fazer as reformas sem traumas, sem choques (GRIMALDI, 2013, p. 85).

2.1.2. Furor midiático, o Papa Francisco sob pressão

A relação de Bergoglio com a imprensa foi sempre de muita desconfiança, desde os seus tempos de cardeal na Basílica de Buenos Aires. Jamais escondeu este sentimento. Alegava que não se sentia à vontade dando entrevistas, por isso, toda vez que podia, as evitava. Dizia para se justificar: “Se eu dou aos jornalistas quatro notas, dó-ré-mi-fá, eles podem chegar a compor uma música de casamento ou de funeral”. Foi por esta razão que Bergoglio, quando estourou o escândalo do BCP, que envolveu o nome de Quarracino, convocou o padre Guillermo Marcó para ser o porta-voz do arcebispado. Nesse posto ele permaneceu durante oito anos.

É Marcó, que também acumula o papel de assessor de imprensa, quem cria e fortalece a imagem do cardeal Bergoglio como pessoa austera, humilde, simples e desapegada. Não que o cardeal não fizesse jus a todos estes adjetivos, mas é que ele foi sempre um religioso discreto, que desempenhava as suas ações em silêncio. Tanto que questiona Marcó a respeito. O porta-voz se defende usando o Evangelho: Não se acende vela para colocá-la debaixo da cama, mas em cima da cômoda (PIQUÉ, 2013, p. 152).

Mais tarde, precisamente no ano de 2006, Marcó foi vítima dos inimigos de Bergoglio quando de sua entrevista à revista *Newsweek* como copresidente do Instituto do Diálogo Inter-religioso sobre a gafe do Papa Bento XVI, durante aula magistral sobre fé e razão, em Ratisbona, na Baviera, Alemanha, quando ofende o mundo muçulmano. Marcó alega que suas palavras foram deturpadas e algumas frases inseridas fora do contexto da entrevista. E mais, que não concedeu a entrevista como porta-voz do arcebispado. Pelo sim, pelo não, fato é que o título da revista foi impactante: “Arcebispado de Buenos Aires contra Bento XVI”. Cópias da revista foram tiradas e enviadas a diferentes dicastérios do Vaticano com o intuito de atingir dois alvos com uma única ação, por meio de Marcó acertar Bergoglio.

O outro caso mediático, que acerta Bergoglio sem que ao menos estivesse diretamente envolvido, aconteceu com o substituto de Marcó, o leigo Federico Wals. Ele mandou para a imprensa um documento do monsenhor Pedro Olmedo, bispo de Humahuaca, criticando a realidade social da sua região. Diz Wals que deixou claro aos jornalistas que o documento não era do arcebispado de Buenos Aires. Contudo, no dia seguinte, o jornal *Âmbito Financiero* publica em primeira página: “Bergoglio critica governo pela pobreza no Norte.” Em outra ocasião, lembra Wals, o cardeal o chama para conversar a respeito de um editorial. Dado momento, lhe comenta: Federico eu não entendo: os da direita católica acham que sou vermelho e os da esquerda acham que sou de direita, mas sou uma pastor que quer andar no meio do seu povo (PIQUÉ, 2013, p.153).

Como cardeal, são raras as entrevistas de Bergoglio à imprensa. As “famosas” coletivas de imprensa são ainda mais raras, de se contar nos dedos de uma única mão. Amiga do cardeal Bergoglio desde a sua chegada à Basílica de Buenos Aires, a jornalista e escritora italoargentina Elisabetta Piqué cita três encontros desse tipo com a imprensa, um na Argentina e dois outro no Vaticano, na Itália.

Em suas viagens apostólicas ao redor do mundo, como Papa Francisco, Bergoglio tem visitado países onde o catolicismo não é a religião predominante.

O Santo Padre, sempre esbanjando otimismo e coragem, tem levado palavras de ânimo da Igreja Católica a países onde a guerra, a violência urbana, conflitos políticos e raciais e a miséria se fazem presentes no cotidiano da população. Ele, por exemplo, foi à Palestina em 2014; Sri Lanka, Filipinas, Quênia, Uganda e República Centro Africana em 2015; e a Mianmar e Bangladesch em 2017. Em todos estes países, assim como acontece rotineiramente em países onde o percentual de católicos é majoritário, o sucessor de Pedro arrebatou multidões. Ofereceu humildade e simpatia e recebeu em troca atenção e carinho.

Francisco é um papa popular, é sucesso mundial. É claro que esta sua popularidade, inclusive em países de minoria cristã, tem muito a ver com a expansão dos meios de comunicação, que, após a chegada triunfal da Internet, conseguem encurtar distâncias e “deixar o mundo pequeno”. As façanhas do Papa transpassam fronteiras em som e imagem, quase que em tempo real. O Papa do fim do mundo, de hábitos espartanos e vida simples nos palácios luxuosos do Vaticano foi transformado em ícone mundial. A mídia, de maneira geral, não apenas lhe é benevolente com as palavras como também é muito mais calorosa do que foi com Bento XVI, intelectual alemão de poucos sorrisos. Por outro lado, a relação amistosa do Papa Francisco com a imprensa mundial é bem diferente da que mantinha com a imprensa de seu país de origem.

O trabalho comunicacional desenvolvido pelo padre Marcó em Buenos Aires, embora não tivesse como objetivo declarado a construção para Bergoglio de uma imagem de homem simples e hábitos espartanos, contribuiu e muito para a sua rápida aceitação popular como o novo patriarca da Igreja Católica. Este foi um dos pontos ressaltados em sua biografia, reproduzida à exaustão pela imprensa mundial que, para surpresa do mundo, principalmente católico, foi eleito Papa.

Resta claro que os meios tradicionais de comunicação, apesar dos avanços tecnológicos, ainda são de extrema importância para o “marketing” da igreja Católica. Afinal, é a mídia que amplia a distribuição de suas mensagens por todos os rincões da Terra. E diante dos cenários de dificuldades que a

Igreja Católica enfrenta, o Papa sabe que não pode abrir mão desta ferramenta que não somente divulga, mas constrói percepções. Tanto que busca uma via discursiva mais conciliadora, como deixa claro na longa entrevista que concedeu ao sociólogo francês Dominique Wolton, que resultou no livro *Papa Francisco, o futuro da fé*.

O jornalismo não pode tornar-se uma 'arma de destruição' de pessoas, e até de povos. E também não pode alimentar o medo perante as mudanças ou fenômenos como as migrações forçadas pela guerra ou fome (WOLTON, 2017, p.135).

Faço votos de que, cada vez mais e em toda parte, o jornalismo seja um instrumento de construção, um fator do bem comum, um acelerador de processo de reconciliação; que saiba rejeitar a tentação de fomentar o conflito com uma linguagem que atíça o fogo das divisões e, ao contrário, favoreça a cultura do encontro (WOLTON, 2017, p.135).

Como Papa Francisco, Bergoglio jamais poderia se dar ao luxo de investir na figura de um porta-voz para temas cruciais como fez quando era cardeal. O papado assegura credibilidade à sua fala. Na função de maior autoridade da Igreja Católica, notadamente durante suas viagens apostólicas internacionais, que chamam a atenção do mundo, o Papa não tem como não como não encarar os jornalistas com suas câmeras, microfones, gravadores e blocos de anotações e, respondendo aos seus questionamentos, falar o que pensa e sente sobre os mais variados temas.

Os jornalistas espanhóis José Manuel Vidal e Jesus Bastante relembram a aparição do Papa Francisco na sala Paulo VI, diante da imprensa mundial, quando mais uma vez se mostrou anticonvencional, leve, direto e simples. Na percepção dos dois jornalistas, o novo Papa adota uma relação aberta, cordial, acolhedora e colaboradora com os meios de comunicação.

O Papa Francisco muda a dinâmica do relacionamento com a mídia. Quer ser tornar amigo dos jornalistas. Isso porque sabe que é um instrumento insubstituível para propagar a mensagem da Igreja. Sem

eles a instituição fica afônica. E não poderia ser a voz dos sem voz, a voz dos pobres (VIDAL / BASTANTE, 2013, p. 132).

Vidal e Bastante têm uma visão interessante do papel desempenhado pelos jornalistas em relação à Igreja Católica. Segundo eles, são os jornalistas que a conectam com as pessoas, que “transformam seus longos discursos (habitualmente com uma linguagem teológica entusiasta), que os divulgam e os tornam acessíveis”(2013). Não resta dúvida, então, que o Vaticano confere à imprensa uma função utilitária em seu projeto comunicacional, apesar de não possuir o controle editorial dos veículos de comunicação. Exceto, é claro, aos ligados à própria Igreja. Aposta na habilidade e no carisma do Papa Francisco.

... o papa Francisco quebra a tradição dos sapatos vermelhos e calça uns pretos de padre de aldeia. E continua ostentando sua mitra de sempre, quando era arcebispo de Buenos Aires. O papa não hesita em jogar por terra antigas tradições para mandar à sociedade e à Igreja uma mensagem clara de pureza, simplicidade e humildade. Um estilo diferente, mais simples, mais franciscano. Em Roma já chamam isso de *bergogliostyle* (VIDAL/BASTANTE, 2013, p.130).

A percepção pública relativa ao Papa, como pessoa simples, desapegada da materialidade e igual a qualquer outro cidadão, trazida da Argentina onde foi construída por acaso pelo padre Marcó, é exatamente a que a Igreja Católica, por meios de suas ações mediáticas, se revela cada vez mais interessada em preservar para o mundo. E a imprensa tem papel fundamental nesse processo de manutenção dessa imagem emprestando o seu aval de credibilidade junto à Opinião Pública. Para um dos mais respeitados vaticanistas, Andrea Tornielli, que publicou seu livro *Francisco, a vida e as ideias de do Papa Latino-americano* em 2013, imediatamente após a ascensão de Bergoglio, ainda sob os efeitos da surpresa pela escolha inesperada e de encantamento pela simplicidade e sobriedade apresentada pelo novo Papa, nada em Francisco é previamente estudado. Ele é o que aparenta ser.

Com sua simplicidade e sua sobriedade, que não são uma atitude estudada e nem fruto de uma estratégia mediática, o papa Francisco

já ofereceu, nos primeiros dias de seu pontificado, um significativo sinal de mudança (TORNIELLI, 2013, p.126).

É surpreendente o entusiasmo com que as pessoas – inclusive aquelas que tinham se afastado da fé ou que nunca tinham vivido a experiência da fé – acolheram o novo papa e suas primeiras mensagens. Houve também aqueles que alertaram para o efeito da mídia ou do abraço mortal de alguns comentaristas leigos (TORNIELLI, 2013, p.126).

É credível que a postura do Papa seja verdadeiramente natural e não parte de uma estratégia mediática, mas a comunicação da Igreja Católica trabalha com uma percepção criada e tira proveito disso. Do contrário, por qual motivo então levar, nas viagens apostólicas internacionais, inúmeros jornalistas, aqueles credenciados no Vaticano e que representam veículos de comunicação de diferentes partes do mundo, junto com o Papa, em seu próprio avião, desde a saída do Aeroporto Internacional Leonardo da Vinci, em Roma?

Já se tornou hábito também, ao final de cada visita, o Papa realizar coletivas de imprensa durante o voo. Estas coletivas aéreas, que parecem sempre tão descontraídas, causam ao Papa certo desconforto, conforme revelou ao sociólogo Dominique Wolton.

Nunca senti angústia, mas, quando subo para o avião com os jornalistas, tenho a impressão de descer ao fosso dos leões. E ali começo rezando, depois me esforço para ser muito preciso. Há muita pressão. Mas houve algumas derrapagens (WOLTON, 2018, p. 233).

Independentemente do sentimento do Papa e da burocracia do Vaticano a respeito da cobertura da imprensa aos temas pertinentes e ou relacionados a Igreja Católica, é fato incontestável que o trabalho jornalístico, principalmente aquele que gira em torno do Santo Padre, é estratégico para os objetivos de manutenção e ampliação do número de fiéis. Sem a força da Imprensa, as mensagens da Santa Sé teriam alcance restrito. E a Igreja Católica precisa avançar para sobreviver. E neste processo de avanço, a Igreja Católica precisa restaurar a sua imagem.

Por mais que seja compreensível, a renúncia inesperada do papa Bento XVI não foi muito bem entendida por boa parte dos fiéis. Diante deste cenário, a escolha do novo papa tinha que ser obrigatoriamente assertiva, não havia margem de erro para os cardeais que participavam do Conclave. Bergoglio, a cada novo dia, mostra que a sua escolha foi acertada.

Há satisfação no rosto de todos os cardeais. Pelo trabalho bem feito. E rápido. Era um conclave celebrado num dos momentos mais delicados da história da igreja. A instituição, órfã de papa, está mergulhada numa das épocas de maior perda de autoridade moral e de má imagem por causa dos escândalos de pederastia e das intrigas (Vatileaks e corvos incluídos) da cúria romana (VIDAL/BASTANTE, 2013, p.21).

Francisco, tudo indica, tem correspondido às expectativas. Seus discursos, não raro, são contundentes e quase sempre em favor dos excluídos pela globalização econômica. Ele não poupa críticas a economia liberal de mercado e a idolatria ao “deus dinheiro”, como deixou claro para o sociólogo Wolton.

O que acontece com o mundo de hoje que, quando se verifica a falência de um banco, imediatamente aparecem quantias escandalosas para salvá-lo, mas quando ocorre esta falência da humanidade praticamente não aparece nem uma milésima parte para salvar aqueles irmãos que sofrem tanto? (WOLTON, 2018, p. 81).

Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez pelo dinheiro domina todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade [...] e até, como vemos, põe em risco a nossa casa comum, a irmã e mãe terra (WOLTON, 2018, p.76).

Para alcançar a repercussão desejada para as suas mensagens, a Igreja Católica não pode abrir mão da imprensa, notadamente a hegemônica, que, por sua vez, reza a cartilha do mercado, alvo preferencial das críticas do Sumo Pontífice. Por vezes, há conflito.

O papa Francisco tem confrontado de forma rigorosa os interesses econômicos desmedidos que se apresentam cada vez mais agressivos e sempre em nome de um progresso que consome e destrói a natureza. Suas

críticas também são direcionadas à “modernização dos meios de produção”, que substitui humanos por máquinas e impõe máquinas na intermediação das relações humanas.

Os discursos do Papa cada vez mais se alinham às teorias da Ecologia da Comunicação, elaboradas pelo pesquisador da comunicação, o professor espanhol Vicente Romano. Nesta declaração que fez ao sociólogo Wolton, o Papa expressa quase que *ipsis literis* uma das teses defendida por Romano.

Toda mídia tem seus perigos. É possível fazer boas coisas com ela, mas há o risco de criar barreiras. A tecnologia é uma mediação da comunicação. Porém, se o protagonista da comunicação vira mediador, não há comunicação. É o mediador que manda, e ele vira um ditador, provocando o vício e o resto... (WOLTON, 2018, p.185).

2.1.3 O Papa da Ecologia da Comunicação

Como vimos nesse rápido perfil, o Cardeal Bergoglio desenvolveu uma trajetória de vida religiosa que se pode classificar como humana, com os erros e acertos típicos dos seres humanos em suas diferentes fases da vida. Ele não foi um santo, “oceano de bondades”, como os Papas costumam ser desenhados nas narrativas elaboradas pela Igreja Católica. Mas ele próprio reconhece e não se envergonha de seus altos e baixos, próprios dos seres humanos que não se deixam aliciar pela comodidade da contemplação e buscam a mobilidade da produção para chegar ao próximo. Estas caminhadas, não raro, apresentam pedras de tropeço ao longo do percurso e o Cardeal Bergoglio nem sempre conseguiu desviar a tempo. Apesar disso, no fim das contas, o saldo de sua vida religiosa pode ser considerado como positivo, desde o princípio no seminário de Vila Devoto até ser nomeado cardeal da Basílica de Buenos Aires. Bergoglio deixou para a história religiosa argentina um legado importante de desapego material, de humildade, de ecumenismo, de diálogo com os opostos, de atenção aos pobres e, principalmente, de indignação e resistência diante das injustiças sociais, sobretudo as praticadas pelos poderosos com poder político ou poder do capital.

Bergoglio, como mostra a sua história, apreciava o trabalho de campo, gostava de estar na rua junto com os fiéis. Ele tinha ânsia por saber o que eles sabiam e sentir o que sentiam no cotidiano de suas vidas, repleto de carências básicas. Só assim, com a presença física, ou seja, com o corpo, Bergoglio acreditava que poderia se comunicar e atender as necessidades reais dessas populações, que não eram apenas materiais. Nesse período, são vários os exemplos das formas diferentes de comunicação praticadas por Bergoglio. Gostava de uma boa conversa, de se corresponder por carta e, quando a ocasião exigia, também por telefone. Ou seja, Bergoglio era, intuitivamente, praticamente de todos os tipos de comunicação – primária; secundária; e terciária – estudados e descritos pelo pesquisador alemão Harry Pross em seu livro *Teoria das Mídias*.

E como mostraremos no próximo capítulo, com Bergoglio já escolhido Papa pelos cardeais, sua arena de atuação se amplia da Argentina para o mundo, assim como a sua voz expressa na contundência de suas homilias e discursos. Seus alvos prioritários são o capitalismo, cada vez mais ganancioso e desumano, principalmente o modelo de recorte neoliberal, que visa o Estado mínimo e descarta as pessoas consideradas incapazes; a comunicação técnica posta a serviço do mercado, que isola o ser humano, mitigando a sua comunicação primária, e estimula o consumismo sem limites como panaceia para o vazio aberto pela solidão. Como resultado da voracidade do capitalismo literalmente selvagem, como descreve o Papa Francisco em *Laudato Si*, acontece a degradação do meio ambiente, que se aproxima dos limites do irreversível.

Ao empunhar estas bandeiras em sua peregrinação religiosa pelo mundo, o Papa Francisco incorpora ao discurso da Igreja Católica os princípios da ecologia da comunicação definido pelo pesquisador espanhol Vicente Romano, ainda na década de 90 do século passado e publicado em livro no ano de 2004.

3- ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

A tecnologia, de maneira geral, é percebida e aceita por parte majoritária da sociedade como avanço irreversível que no presente e no futuro próximo resultará em “facilidades” que propiciarão melhor qualidade de vida para as populações. Esta percepção não é nova e embora persista, graças principalmente ao poder de persuasão dos meios e às novas ferramentas de comunicação, o que se vê na realidade é a degradação cada vez mais veloz da natureza e, em paralelo, o isolamento do ser humano, que gradativamente está se tornando refém dos aparatos gerados a partir dos avanços tecnológicos.

O que se nota, neste processo avassalador e incontrolável, é quase a anulação da Mídia Primária, definida pelo pesquisador alemão Harry Pross em Teoria das Mídias - que exige a presença de dois corpos para se efetivar um processo de comunicação - pela Mídia Terciária - que trata da materialização da comunicação apenas com o suporte de aparatos, tanto pelo emissor como pelo receptor.

O pesquisador espanhol Vicente Romano, ex-aluno de Pross na Alemanha e autor do livro *Ecología de la Comunicación*, dentre outros, afirma que a comunicação se converteu em um segmento estratégico para a economia, política e cultura. Resumindo, para o mercado. Em sua opinião, as últimas inovações tecnológicas, denominadas de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) “introduziram novas vias de comunicação que implicam mudanças significativas na paisagem comunicacional”: As intervenções tecnológicas na esfera da comunicação têm consequências para os indivíduos e para a sociedade (ROMANO, 2004, p. 11).

Romano alerta para o fato de que a quantidade excessiva de aparatos tecnológicos, necessários para se consumir um número cada vez maior de informações, está reduzindo drasticamente os contatos pessoais. “Menos comunicação primária,” ressalta.

Se altera a relação entre a função informativa e a função socializadora da comunicação.... A redução dos contatos pessoais, isto é, o aumento da solidão, afeta sempre a saúde mental (ROMANO, 2004, p. 11).

Não faz muito tempo, este cenário que hoje é incrivelmente real, da tecnologia separando humanos e até assumindo parte de suas funções cotidianas, pertencia à ficção literária e às telas de cinemas.

É justamente pela forma agressiva com que a tecnologia vem desempenhando o seu papel, afetando contundentemente o ser humano e os seus meios de vivência e subsistência, a natureza, é que Romano justifica a pertinência de se estudar a comunicação desde uma perspectiva ecológica, ou, como ele mesmo diz, “desenvolver uma teoria ecológica da comunicação”.

A ecologia da comunicação estabelece assim uma ponte entre a teoria da comunicação e a ecologia humana. No fundo, se trata de estudar a relação entre o meio humano interno e o meio comunicativo externo (ROMANO, 2004, p. 12).

O Papa Francisco, com *Laudato Si*, edição de 2015, fez da sua encíclica um manifesto, uma advertência, um grito visando chamar a atenção do mundo, principalmente dos líderes das nações mais poderosas, para os riscos da degradação da natureza - e do homem inserido nela - provocada notadamente pelo avanço tecnológico posto a serviço da ganância e do consumismo. O Sumo Pontífice, desde a sua ascensão ao trono de Pedro, não tem poupado esforço físico e nem palavras em seus discursos proferidos da janela de sua biblioteca, no Vaticano e em suas viagens a distintas partes do mundo para alertar que somente o esforço conjunto pode impedir que a humanidade ultrapasse o limite do irreversível para a manutenção da vida na terra.

As suas diferentes formas de se comunicar com o povo, cristão ou não, e a manifestação impactante expressa em *Laudato Si*, que contraria postura tradicionalmente equilibrada da Igreja Católica com o mercado, mas que o Papa mantém viva e forte por onde quer que passe em suas viagens

apostólicas, o conecta quase que umbilicalmente com as teorias da Ecologia da Comunicação dos pesquisadores Pross e Romano.

A comunicação perfeita é feita com o tato. O tato é o que há de melhor para a comunicação”, afirmou Francisco (WOLTON, 2017, p. 182);

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental se não prestarmos atenção as causa que tem a ver com a degradação humana e social” (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 38).

3.1. Harry Pross – Mídia Primária, Secundária e Terciária

3.1.1. Mídia Primária – Do corpo ao corpo

A Praça São Pedro, no Vaticano, não raro, está sempre lotada. De católicos fervorosos oriundos de diferentes partes do mundo e também de turistas de passagem pela Itália, não obrigatoriamente cristãos. O público, claro, pode e deve ser mesmo heterogêneo, mas não o motivo que reúne todos naquele espaço, o desejo único de ver e se possível tocar o Papa Francisco, o patriarca da Igreja Católica. Às quartas-feiras, dia da audiência geral (*udienza generale*), é quando Sua Santidade vai à praça e se aproxima dos fiéis, com o papamóvel e por vezes a pé. Nessas ocasiões, se entrega literalmente aos abraços, cumprimentos e beija mão de seus visitantes. Contudo, se é inverno ou tempo com ameaça chuva, o Papa recebe o povo na sala Paulo VI. Ele nunca decepciona seus visitantes. Aos domingos, dia do Ângelus, ele fala à multidão da janela da biblioteca do Vaticano.

A entrega de Francisco ao contato corporal com os fiéis, o que se percebe tanto no Vaticano como em suas viagens apostólicas, domésticas e internacionais, é mote de preocupação para o seu sistema de segurança, principalmente após o atentado sofrido pelo Papa João Paulo II, em maio de 1981, em plena Praça São Pedro, quando foi alvejado com dois tiros por um

fanático turco, Mehmet Ali Agca. Mas o Papa do fim do mundo, como o próprio Francisco se autodenominou logo na sua posse, não revela qualquer temor e desafia o seu sistema de segurança fazendo quase que um corpo a corpo com aqueles que foram lá para vê-lo.

A jornalista Elisabetta Piqué lembra em seu livro *Francisco, Vida e Revolução* uma passagem curiosa do Papa Francisco, pouco antes da sua viagem ao Brasil, que reforça o seu desejo de “encontro” corporal com os fiéis. Segundo ela, antes de viajar, Francisco foi pessoalmente revisar a frota de carros do Vaticano e conferir, em particular, os dois papamóveis blindados. Ele manifestou firmemente sua insatisfação com o fato dos dois veículos serem completamente fechados com vidros blindados, tal qual um aquário: Não quero ficar em uma caixa de vidro, quero poder tocar, abraçar e beijar as pessoas. Senão, para que iria ao Brasil (PIQUÉ, 2013, p. 244).

Francisco é argentino de origem e sua ascendência é italiana. É fruto da mescla de duas culturas latinas, uma europeia outra americana, que sempre fizeram do corpo um instrumento de comunicação. Quem já foi à Praça São Pedro ou viu imagens da aproximação do Papa em fotografias ou vídeos, pôde perceber que o patriarca da Igreja Católica costumeiramente chega com expressão facial aberta. Seu semblante é alegre, seu sorriso convidativo e seus gestos acolhedores. O Papa Francisco conversa com a massa por meio do seu corpo, sem pronunciar qualquer palavra. E o povo, de diferentes procedências e linguagens, entende perfeitamente suas mensagens e se comporta conforme o “seu comando.” A imagem sóbria do Papa Francisco, de batina toda branca, impõe autoridade e exige respeito, ainda que expressa de forma subliminar:... os momentos mais belos da vida são aqueles em que se misturam a palavra, os gestos e o silêncio, revelou o Papa Francisco (WOLTON, 2017, p. 113).

A capacidade natural exibida pelo Papa Francisco, de substituir as palavras por expressões propiciadas pelo corpo para se comunicar com os fiéis, nos remete diretamente à teoria de Midia Primária definida pelo pesquisador alemão Harry Pross, a qual mostra que o ser humano, desde os primórdios da história, usa o seu corpo para se comunicar.

O corpo é o primeiro meio de comunicação do homem, em sua ação evolutiva, nos diferentes tempos e espaços em que convive entre outros corpos, classificado como Mídia Primária, ou seja, formas de mediação produzidas a partir de recursos biológicos e naturais de um indivíduo (PROSS, 1971, p.128);

O patriarca da Igreja Católica, desde o início de sua trajetória no catolicismo, valorizou o contato direto entre as pessoas, sem intermediação, o popular face a face, tanto no que tange à sua pessoa como também daqueles que estão abaixo de sua autoridade funcional. Dois exemplos relevantes dessa postura são revelados também no livro da jornalista italoargentina Elisabetta Piqué, que colheu depoimentos de duas pessoas muito próximas do Papa quando ainda era chamado de Bergoglio e dava expediente como cardeal na Basílica de Buenos Aires, o Dr. Carlos Velasco Suarez e o pároco villero (padre de favela) Juan Isasmendi.

“Olhe doutor, a única pastoral que eu entendo é a pastoral do corpo a corpo. Não acredito nesses esquemas utópicos despersonalizantes e desumanizadores”, repetiu Velasco comentário que o cardeal Bergoglio lhe fez a respeito da Teologia da Libertação (PIQUÉ, 2013, p. 69);

“Do nosso trabalho lhe interessava que estivéssemos presentes em carne e osso. E que rezássemos”, contou o padre de favela Juan Isasmendi, sobre a atenção do cardeal Bergoglio a assistência que ele e outros padres prestavam aos moradores das favelas que rodeiam a capital argentina (PIQUÉ, 2013, p. 104).

Os leigos e religiosos que conviveram com o cardeal Bergoglio sabem da sua contrariedade, jamais omitida, dos padres de sacristia, que não se misturam no cotidiano com os seus fiéis. Na sua primeira missa Crismal, no Vaticano, em setembro de 2013, já como Papa Francisco, num recado direto para todos os membros da Igreja Católica, deixou a sua percepção e desejo bastante claros: “os pastores devem ter o cheiro de suas ovelhas”.

Outro exemplo importante da proximidade da comunicação expressa pelo Papa Francisco com as teorias definidas por Harry Pross é a sua percepção sobre a catequese que, segundo ele, precisa ser ministradas por um

padre envolvido verdadeiramente com o seu público: “... por um padre que está próximo de seu povo, que ri com seu povo, que se deixa incomodar por seu povo. E isso é a comunicação”, disse Francisco em entrevista ao Dominique Wolton (WOLTON, 2017, p.123).

O comportamento do “catequista ideal” definido pelo Papa Francisco se percebe e se encaixa perfeitamente na teoria de Mídia Primária, que inclui também os gestos com as mãos, com os ombros, os movimentos do corpo, o andar, o sentar, os odores, as expressões faciais, os rubores ou a palidez, as rugas ou cicatrizes, o riso, a gargalhada, o choro, a postura, os movimentos do corpo, os sons articulados e inarticulados, os ritmos e repetições entre outros.

O corpo é o primeiro meio de comunicação do homem, em sua ação evolutiva, nos diferentes tempos e espaços em que convive entre outros corpos, classificado como Mídia Primária, ou seja, formas de mediação produzidas a partir de recursos biológicos e naturais de um indivíduo (PROSS, 1971, p.128).

A comunicação primitiva de que fala Pross, a mídia primária, em seus diferentes formatos e expressões, não é somente de alguma forma exercida como também perfeitamente compreendida pelo Papa Francisco na sua abrangência. Na entrevista que concedeu ao sociólogo francês Dominique Wolton e que resultou no livro *O Futuro da Fé*, o patriarca da Igreja Católica discorre com autoridade sobre a comunicação não falada, que ele não somente compreende como pratica.

O povo comunica por meio da dança. Isto é, ele se comunica também com o corpo, com todo o corpo. Há também outra maneira de comunicar: as lágrimas. Chorar juntos. Quando uma mulher e seu marido velam uma criança doente, eles choram juntos, esperando a sua cura. Dançar, dar as mãos, beijar-se, comer e beber juntos, chorar.. Se não fazemos essas coisas, não há comunicação possível. Às vezes me aconteceu e digo isso sinceramente, de estar pregando e precisar parar porque estava com vontade de chorar. Quando estava realmente mergulhado num sermão, eu me comunicava com o povo. Vou concluir sobre maneiras de se comunicar usando um termo essencial, sem o qual não há comunicação nenhuma: o brincar. As

crianças se comunicam pelo brincar. O brincar tem a qualidade de desenvolver a capacidade inventiva (WOLTON, 2017, p.117).

Francisco, como mostra claramente a sua história, antes na Argentina, de seminarista a cardeal e agora como Sumo Pontífice no Vaticano, gosta e pratica com eficácia os diferentes modos de comunicação, sem revelar qualquer tipo de predileção ou restrição. A impressão que se tem é que para o 266º Papa do catolicismo, o importante é alcançar e tocar o coração dos fiéis. E o seu diálogo com este público acontece por meios distintos de comunicação.

3.1.2 Mídia Secundária – E extensão do corpo

Diariamente pelo correio mais de duas mil cartas chegam ao Vaticano. A maioria absoluta é endereçada ao Papa Francisco. Todas são abertas e lidas por sua assessoria. As motivações dos remetentes não obedecem a critérios e vão do pedido de ajuda material e espiritual, ao lamento e regozijo, passando pela solicitação de benção e oração. Algumas dessas missivas são respondidas de “próprio punho” pelo Papa Francisco, cuja missão final desta tarefa em especial, além de apascentar o rebanho, é estancar a debandada cada vez mais rápida de fiéis. Por esta razão, Sua Santidade procura utilizar de todos os recursos comunicacionais disponíveis para fazer chegar aos destinatários as suas mensagens. O Papa Francisco é ainda autor de inúmeros livros, assina artigos em jornais e revistas do Vaticano e sua imagem é compartilhada por sua assessoria particular, pela imprensa e até mesmo pelos fiéis cristãos.

Esta comunicação exercida pelo Papa Francisco, que permite ao emissor “prolongar” o seu corpo, ou seja, de se comunicar sem estar fisicamente presente é definida por Harry Pross como Mídia Secundária. De acordo com o pesquisador alemão, a mídia secundária amplia a comunicação no espaço e no tempo. Objetos e aparatos funcionam como suportes no transporte da mensagem. O seu compartilhamento não exige em nenhum

instante contato de um corpo com o outro, o face a face expresso na Mídia Primária.

... aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem de um emissor para um receptor sem que este necessite de um suporte para captar o significado da mensagem, portanto é mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, a carta, o panfleto, o livro, a revista, o jornal... (PROSS, 1971, p.126).

Conforme citado acima, o Papa Francisco, de 82 anos de idade, utiliza praticamente todos os meios que Pross elenca como “representantes” da Mídia Secundária. Destes, o que realiza com maior frequência, até por ser um hábito antigo, é o de dialogar por meios de cartas. Este tipo de comunicação ele mantém não somente com os seus pares da igreja, mas também com fiéis, autoridades e personalidades de diferentes partes do mundo.

As cartas mais urgentes e de cunho pessoal são repassadas aos dois padres-secretários particulares do Papa para que ele as receba. A Santa Sé jamais divulga o nome do remetente/destinatário nem o tema abordado. No entanto, estas missivas papais quase sempre se tornam públicas e são tratadas pelos receptores como objetos santificados.

O jovem brasileiro Bruno A. Gabriel, 16 anos, de São José dos Campos, segundo revela a publicação A12, ligada ao grupo de Comunicação da Basílica de Aparecida, enviou carta ao Papa Francisco um mês antes de sua chegada ao Brasil, em 2013, para a realização da Jornada Mundial da Juventude. O jovem contou que a sua motivação foi reflexo das atitudes de humildade do Papa, “que me conquistou e me fez querer um contato mais próximo. Percebi que ele estava aberto, próximo de nós...”. Bruno revelou ao A12 que a resposta do Papa “confirmou e ampliou a sua fé na Igreja Católica”. O Papa Francisco, neste caso, cumpriu o seu objetivo de comunicação ao sensibilizar e fortalecer a fé do jovem fiel a igreja.¹

A carta do Papa Francisco ao jovem brasileiro carregava no papel uma escrita emocional e religiosa, mas que também pode ser dura e de caráter

político quando oficial e assinada pelo Papa na figura de chefe de Estado. A carta enviada por sua Santidade ao presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, respondendo ao seu pedido para que a Igreja intermediasse a negociação com a oposição ao seu governo, vazada do Vaticano pelo jornal italiano *Corriere de la Sera*, chama a atenção em dois pontos: o Vaticano trata Maduro como o presidente eleito da Venezuela, apesar do reconhecimento internacional do líder opositor Juan Guaidó como o “legítimo” mandatário do País; a carta justifica a saída da igreja da mesa de negociações por causa dos acordos firmados e não cumpridos pelo governo eleito.

A divulgação da carta, ainda que apenas parte do seu conteúdo, fortalece a percepção da imagem do Papa como ente político e, mais ainda, de sua autoridade religiosa, principalmente quando expõe a sua face humana e solidaria na preocupação confessa com o “sofrimento do povo venezuelano, que parece não ter fim”.²

As cartas escritas, assinadas e timbradas pelo Papa Francisco, independente de suas motivações, quase sempre se tornam para os destinatários (receptores) documentos históricos, troféus ou relíquia santificada, mesmo entre os não adeptos da religião católica romana. Estas peças ganham elevado valor simbólico pelo que representa num dado momento histórico e, por esta razão, perduram no tempo.

De acordo com Pross, a Mídia Secundária permite ao homem expandir-se culturalmente, deixando marcas permanentes de sua existência por meio da escrita e das imagens gravadas sobre suporte duráveis que permitem ultrapassar as barreiras do tempo.

3.1.3 Mídia Terciária – Aparatos entre corpos

O Papa Francisco chegou para viver no Vaticano em 2013. Sua imagem aberta e risonha contrasta com a de seu antecessor, Bento XVI, fechada e ligeiramente sisuda. A formalidade rígida imposta pelo cargo, que era

compreendida e acatada pela cultura do Papa alemão, viu-se obrigada a abrir brechas para os lampejos de espontaneidade do novo Papa, característica da sua cultura latina. Estas mudanças - de pessoas, personalidades e posturas- forçaram pequenas adaptações dos assessores que prestam serviços à Sua Santidade, burocráticos e de segurança, não apenas física, mas também da sua imagem pública - autoridade política e religiosa.

Como já citado neste capítulo, o Papa Francisco é “adepto” da Mídia Primária, gosta da presença do corpo no contato pessoal. Também trabalha com desenvoltura os principais aparatos que definem a Mídia Secundária. O mesmo se pode afirmar quanto a Mídia Terciária, teoria também estudada por Pross, que estabelece o uso de aparelhos, tanto pelo emissor como pelo receptor, para se efetivar a comunicação.

Em muitas das cartas enviadas ao Vaticano, além da mensagem principal, está inserido o número do telefone do remetente. O Papa Francisco, desde sua chegada a Santa Sé, tem contrariado seus assessores e telefonado diretamente para alguns destes missivistas para lhes ofertar palavras de ânimo e conforto.

Três meses após ser eleito para o trono de Pedro, o Papa Francisco telefonou para uma jovem italiana que engravidou do namorado, que era casado. Ele pediu que abortasse. A jovem, que se tornaria mãe solteira, visto que era divorciada, escreveu ao Papa por se sentir culpada em romper com as normas da Igreja. Francisco não fez nenhum tipo de julgamento, apenas reconfortou a jovem grávida e, de acordo com o jornal *La Stampa*, de Turim, e reproduzido pelo jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, se ofereceu para oficializar o batizado do bebê assim este nascesse.

Meses depois foi a vez de uma jovem argentina, estuprada por um policial, se surpreender com o telefonema papal. O Sumo Pontífice disse a ela para ter fé e afirmou que não estava sozinha. Pediu ainda que acreditasse na Justiça. Desde então, Francisco vem surpreendendo os fiéis que lhes escrevem ao responder as suas cartas também ao vivo, por meio do telefone.²⁵

Quando tornado público, este pequeno gesto ganha dimensão quase que mundial, tanto pela mídia tradicional como pelas Redes Sociais. Além de reforçar a percepção da imagem de humildade e generosidade do Patriarca da Igreja Católica, este contato também dá alegria e esperança aos fiéis católicos. A transição da carta para o telefone - ou seja, dois meios distintos de comunicação - que o Papa Francisco promove para contatar os fiéis, corresponde a transição da Mídia Secundária (carta) para a Mídia Terciária (telefone).

O sistema de eletrificação, que faz funcionar o telefone, vale ressaltar, facilitou o domínio da Mídia Terciária. Redes de cabeamento e transmissão por ondas simplificaram o transporte físico da mensagem. Pross conceitua alguns sistemas como Mídia Terciária: telegrafia, telefonia, cinema, radiofonia e televisão; e também suporte de armazenamento, tais como discos, fitas magnéticas e fitas de vídeo que permitem a conservação da memória por meio de imagens e sons: O convívio com os novos tipos de mídia já contribuiu para que as grandes extensões do eu não pudessem ser mais ignoradas (PROSS, 1971, p. 229).

Assim como a Mídia Secundária não anulou a Mídia Primária, é possível afirmar que a Mídia Terciária, além de não anular suas antecessoras, representa ainda um complemento, que pode ser interpretada como uma vantagem propiciada pela eletrificação.

A Teoria de Mídias elaborada por Pross antecede e muito o surgimento do computador pessoal, de seus *softwares* e, conseqüentemente, da Internet pública, no princípio da década de 90. Este novo meio, a Internet, apoiada por *hardwares* e *softwares*, é capaz de levar em segundos, simultaneamente, uma mesma mensagens, em diferentes formatos, para milhares de outros aparatos posicionados em rede, conectados com ou sem fio, nos mais distantes cantos do mundo. É inegável que a Internet propiciou um ganho fantástico de tempo e espaço. Apesar deste salto tecnológico, a comunicação para se efetivar obriga que ambos, emissor e receptor, estejam munidos com algum aparelho

adequado para abrigar e fazer funcionar este novo meio de comunicação. Assim sendo, tanto a Internet como os computadores se enquadram no rol de aparatos definidos pelo pesquisador alemão como Mídia Terciária.

Cabe ressaltar que o Papa Francisco é também adepto destes novos meios e considerado um fenômeno por especialistas que estudam as suas atividades no universo virtual pelo volume de tráfego que gera nas redes sociais de que participa. No Twitter, escrito em quatro idiomas, o Papa tem mais de 44 milhões de seguidores e no Instagram, o número de aficionados beira os seis milhões.

O Papa começou a participar destes novos meios assim que chegou ao Vaticano, inicialmente no Twitter, utilizando conta aberta pelo seu sucessor Bento XVI. Mostrou-se entusiasmado com o alcance e rapidez das respostas às suas mensagens. Tanto que em 2014, disse que a Internet é um dom de Deus. “A Internet pode oferecer mais possibilidades de reencontro e de solidariedade entre todos, o que é uma coisa boa”.^{28 4}

Cinco anos mais tarde, o Papa Francisco, mais experiente no uso das redes sociais e, sobretudo, mais consciente dos riscos que a Internet também oferece à sociedade, fez um alerta no documento “Cristo Vive”, dirigido aos jovens, principalmente, tratando sobre o machismo, autoritarismo e sexualidade. “No mundo digital, estão em jogo enormes interesses econômicos capazes de realizar formas de controle tão sutis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático”, enfatiza o pontífice em sua exortação.

Tratando sobre o corpo e a sexualidade, “de importância essencial para a pessoa”, o Papa disse que num “mundo que enfatiza excessivamente a sexualidade, é difícil manter um bom relacionamento com o próprio corpo e viver relações serenamente afetivas”, adverte.

O texto aponta os muitos riscos que se corre no mundo digital, muitas vezes um espaço de “solidão” e “violência”, embora admita que possa ser uma

fonte de criatividade. “Problemas como pornografia distorcem a percepção do jovem sobre a sexualidade humana, e a tecnologia usada dessa maneira cria uma realidade paralela ilusória que ignora a dignidade humana”, lamenta.²⁹ 5

3.2. Espaço tempo – A força da grana!

...os poderes econômicos continuam a justificar o sistema mundial atual, onde predomina a especulação e uma busca de receitas financeiras que tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 46)

A percepção do Papa Francisco, expressa na encíclica *Laudato Si*, apenas confirma a fama e até, de forma simplista, explica o codinome “selvagem” atribuído ao sistema capitalista por alguns especialistas, devido ao desejo cego e desenfreado por lucros sem limites. *Laudato Si*, indiscutivelmente, é a crítica mais contundente da Igreja Católica a este tipo de sistema econômico que, vale lembrar, historicamente apoiou, por vezes com algumas reservas, mas do qual, não se pode negar, também se beneficia.

É verdade que no passado alguns papas deram suas estocadas neste sistema econômico, mas sem a contundência e o alcance produzido pela *Laudato Si*. Os tempos são outros e a tecnologia da comunicação também. Daí a repercussão conseguida.

Após a crise econômica de 1929, por exemplo, o Papa Pio XI - o 259º na sucessão de Pedro; governou a Igreja Católica até 1939 - definiu como “capitalismo internacional do dinheiro” o modelo de economia especulativa que foi capaz de empobrecer milhões de família em poucas horas. Em 1967, foi Papa Paulo VI que se manifestou contra o poder desmesurado do capitalismo. Ele recordou das palavras do Papa Pio XI, 28 anos depois, na encíclica *Populorum Progressio*.

...sobre estas novas condições da sociedade, construiu-se um sistema que considerava o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto,

sem limite nem obrigações sociais correspondentes. Este liberalismo sem freio conduziu à ditadura denunciada com razão por Pio XI, como geradora do “imperialismo internacional do dinheiro”. Nunca será demasiado reprovar tais abusos, lembrando mais uma vez, solenemente, que a economia está ao serviço do homem. Mas, se é verdade que um certo capitalismo foi a fonte de tantos sofrimentos, injustiças e lutas fratricidas com efeitos ainda duráveis, é contudo sem motivo que se atribuem à industrialização males que são devidos ao nefasto sistema que a acompanhava. Pelo contrário, é necessário reconhecer com toda a justiça o contributo insubstituível da organização do trabalho e do progresso industrial na obra do desenvolvimento (PAPA PAULO VI, 1967, *Populorum Progressio*).²⁴ 6

Na encíclica *Centesimus Annus*, de 1991, ano em que se comemorou o centenário da doutrina social do Vaticano e, também, período da chegada da economia de mercado à Europa com a queda do comunismo, o Papa João Paulo II perguntou e ele mesmo respondeu questão a respeito do capitalismo no Terceiro Mundo: “É, porventura, este o modelo que se deve propor aos Países do Terceiro Mundo, que procuram a estrada do verdadeiro progresso econômico e civil?”.

Se por capitalismo se indica um sistema econômico que reconhece o papel fundamental e positivo da empresa, do mercado, da propriedade privada e da conseqüente responsabilidade pelos meios de produção, da livre criatividade humana no setor da economia, a resposta é certamente positiva, embora talvez fosse mais apropriado falar de economia de empresa, ou de economia de mercado, ou simplesmente de economia livre. Mas se por capitalismo se entende um sistema onde a liberdade no setor da economia não está enquadrada num sólido contexto jurídico que a coloque ao serviço da liberdade humana integral e a considere como uma particular dimensão desta liberdade, cujo centro seja ético e religioso, então a resposta é sem dúvida negativa (PAPA JOÃO PAULO II, 1991, *Centesimus Annus*).¹⁰ 7

É justamente em seus antecessores que o Papa se inspira para se manifestar contra o “poder da grana que ergue e destrói coisas belas” (Caetano Veloso, Sampa, 1978). Vale destacar que o Papa Francisco empunha esta bandeira desde os seus tempos de Argentina, como o cardeal Bergoglio. Lá, onde nasceu e viveu a maior parte de sua vida, por inúmeras vezes se posicionou contra os programas econômicos impostos pelos últimos governos argentinos que fracassados, terminaram por levar ao empobrecimento da população. De todos estes governantes, exigia justiça social.

... a dívida social é imoral, injusta e ilegítima, sobretudo quando ocorre em uma nação que tem condições objetivas para evitar ou corrigir tais danos, mas que infelizmente parece optar por agravar ainda mais as desigualdades (CARDEAL BERGOGLIO, 2009 – ACIDigital).³ 8

A pobreza e a exclusão, males que o Papa Francisco considera como consequência da “idolatria do dinheiro” - desde os tempos de Argentina - são temas permanentes de sua pauta, principalmente durante suas viagens apostólicas. Como sucessor de Pedro, sua voz tornou-se mais aguda, assim como o seu alcance. O seu campo de luta contra estas e outras injustiças foi ampliado, da Argentina para o mundo. Daí a repercussão sempre global de suas falas.

...o novo imperialismo do dinheiro elimina até mesmo o trabalho, que é o meio pelo qual se exprime a dignidade do homem, sua criatividade, que é imagem da criatividade de Deus. A economia especulativa não precisa mais do trabalho, não sabe o que fazer com o trabalho. Ela segue o ídolo do dinheiro, que se produz por si mesmo e, por isso, não tem escrúpulos em transformar milhões de trabalhadores em desempregados (TORNIELLI, 2013, p.103).

Em 2014, por exemplo, durante viagem à Coreia do Sul, país em que mais da metade da sua população se confessa sem religião e que registra um número bem pequeno de católicos, apenas 8%, o Papa Francisco promoveu enorme celeuma ao criticar a idolatria do dinheiro como reflexo da globalização econômica, no caso deles de viés neoliberal, que mesmo após a sua partida ainda perdurou por meses.

Coreano de nascimento e vivente em solo brasileiro desde os onze anos de idade, Jung Mo Sung, autor de *Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos*, conta que na Coreia do Sul, assim como em muitas outras partes do mundo, o sucesso financeiro é importante e não apenas do ponto de vista material:...vencer é mais do que vencer uma competição ou concorrência na sociedade, é afirmar o seu valor como pessoa, como ser humano (MO SUNG, 2018, p. 7).

Merece destaque a observação que Sung faz em seu livro e que diz respeito ao poder da comunicação do Papa Francisco, o que nos remete aos pesquisadores Harry Pross e Vicente Romano, precursores da Ecologia da Comunicação: com gestos simples e atitudes despojadas, o patriarca da Igreja Católica conseguiu passar suas mensagens de forma objetiva e inteligível.

O testemunho do autor confirma. Ele conta que ao chegar à Coreia, buscou inteirar-se da visita do Papa ao país pela leitura dos grandes jornais locais. Chamou-lhe a atenção os comentários e análises de uma professora de psicologia da Universidade Nacional de Seul: Uma autoridade mundial que vive de modo simples e que se aproxima espontaneamente, quebrando protocolos e medidas de segurança, das pessoas simples que estão sofrendo” (SUNG, 2018, p.8).

De acordo com o autor, a professora coreana concluiu dizendo que na Coreia do Sul não se vê autoridade desse tipo em nenhum campo da vida social ou instituição. Francisco, mais uma vez se fez entender.

Especificamente sobre a crítica feita pelo Papa à “idolatria do dinheiro”, que impactou e “confundiu” a comunidade mediática do lugar, Sung explica que a “confusão” deveu-se à junção dos termos idolatria (teologia / religião) e dinheiro (economia), visto que na Coreia do Sul, país que adota o sistema econômico com viés neoliberal, as duas áreas jamais se misturam. Segundo Sung, quem separou a teologia da economia foi o mundo moderno. Ele explica as palavras do Papa:

Para ele, o que explica a globalização da indiferença perante a desumana e crescente desigualdade e a exclusão social é a idolatria do dinheiro. Servir ao dinheiro, fazer da acumulação da riqueza o sentido último e absoluto da vida pessoal e do sistema social gera insensibilidade nas pessoas e na sociedade perante o sofrimento dos pobres, produzido por essa lógica de acumulação. Esse sacrifício é visto e justificado como ‘sacrifício necessário’ exigido pelos ‘interesses do mercado divinizado’, transformados em regra absoluta (MO SUNG, 2018, p. 22).

Na entrevista que concedeu ao sociólogo Dominique Wolton, o patriarca da Igreja Católica novamente não poupou críticas ao “deus dinheiro”. Para ele, este “novo ídolo” transformou-se numa ideologia e hoje se encontra no centro, dirigindo a todos, ocupando um espaço que deveria pela lógica pertencer aos homens e mulheres. Para Francisco, o dinheiro deve estar a serviço do homem, promovendo o desenvolvimento e não o contrário.

Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez pelo dinheiro domina todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o homem, transformando-o em escravo, destrói a fraternidade [...] e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum, a irmã e mãe Terra [...]. (WOLTON, 2017, p. 76).

3.2.1 Comunicação técnica – fábrica de solitários consumistas

Na sua encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco alerta para a herança que será deixada às próximas gerações graças ao desprezo e ironia com que foram percebidas e tratadas as previsões dos especialistas quanto ao ritmo acelerado do consumo, o desperdício exagerado e a alteração do meio ambiente. Segundo ele, este descuido, falta de bom senso e ausência de limites tornou insustentável o estilo de vida atual o que resultará em catástrofes, como as que já acontecem de maneira periódica em algumas regiões.

“A dificuldade em levar a sério este desafio tem a ver com uma deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica. O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornarem profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta de uma satisfação imediata, com crise dos laços familiares e sociais...,” escreveu o bispo de Roma (LAUDATO SI, 2017, p. 131);

Com o capitalismo, o significado de um indivíduo se torna uma “entidade independente”. Ele abstrai de seu ser social, levantando assim a questão da constituição do sujeito. Ideologicamente, esses conceitos estavam relacionados ao desenvolvimento de mercados, à comercialização da terra e do trabalho, ao isolamento de objetos físicos e biológicos de seu ambiente e do indivíduo no mercado de trabalho (ROMANO, 2004, p. 28).

Ainda em *Laudato Si*, no capítulo III (A raiz humana na crise ecológica), o Papa Francisco aponta que o avanço econômico e tecnológico deu ao homem um domínio sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro. “Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma”, alerta (p. 85). Para o patriarca da Igreja Católica, que reproduz frase do teólogo italiano Romano Guardini expressa em *O fim da nova era*, “o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder,” (p.105) porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores e à consciência.

“É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder” (LAUDATO SI, 2015, p. 88);

“Tornou-se anticultural a escolha de um estilo de vida, cujos objetivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica, dos seus custos e do seu poder globalizante e massificador. Com efeito, a técnica tem a tendência de fazer com que nada fique fora de sua lógica férrea, e ‘o homem que é o seu protagonista sabe que, em última análise, não se trata de bem-estar, mas de domínio; domínio no sentido extremo da palavra’. Por isso, ‘procura controlar os elementos da natureza e, conjuntamente, os da existência humana’. Reduzem-se assim a capacidade de decisão a liberdade mais genuína e o espaço para criatividade alternativa dos indivíduos” (LAUDATO SI, 2015, p. 89).

Para o Patriarca da Igreja Católica, que inseriu em *Laudato Si* as suas percepções sobre o planeta e seu futuro e também daqueles que o habita, “a aliança entre a economia e tecnologia acaba por deixar de fora tudo o que não faz parte dos seus interesses imediatos” (Laudato Si, 2015).

É importante observar que é na via pavimentada pelos estudos do comunicólogo espanhol Vicente Romano, sobretudo em sua obra *Ecologia da Comunicação* (1993) que trafega boa parte da encíclica *Laudato Si*, escrita pelo Papa Francisco e tornada pública em 2015. O trabalho do pesquisador espanhol trata de vínculos sociais; de raízes comunitárias; dos impactos das estruturas e aparatos tecnológicos criados e implantados a serviço do mercado;

do isolamento do homem e a sua solidão, o que pode afetar a sua saúde mental. Basicamente, as mesmas preocupações expostas, ainda que de forma menos abrangente, pelo patriarca da Igreja Católica no Documento de Aparecida, de 2005 e reforçada, dez anos mais tarde, na encíclica *Laudato Si*.

A ecologia da comunicação estabelece assim uma ponte entre a teoria da comunicação e a ecologia humana. No fundo se trata de estudar a relação entre o meio humano interno e o meio comunicativo externo (ROMANO, 2004, p. 12).

As inquietações demonstradas por Romano, assim como as apontadas pelo Papa Francisco, estão ambas relacionadas à globalização econômica e a implantação de sistemas econômicos “selvagens”, que controlam os indivíduos e destroem o meio ambiente, além do protagonismo conferido a técnica que progressivamente está ocupando espaços humanos.

No sistema econômico capitalista, atualmente vigorando na maioria dos países dos cinco continentes, o lucro e a acumulação de riquezas são objetivos principais. Graças a este sistema econômico é que surgiu a desigualdade social, com a divisão de empresários e trabalhadores. Hoje este sistema econômico se apresenta em muitos lugares no formato denominado de neoliberal, ou seja, o Estado mínimo em todos os setores da sociedade. Os adeptos do neoliberalismo defendem a globalização econômica, um mercado aberto e livre, sem fronteiras e sem qualquer tipo de protecionismo e taxas tributárias “excessivas”. O sistema capitalista com viés neoliberal, nos países subdesenvolvidos principalmente, contrariando suas promessas teóricas, tem se mostrado devastador, ampliando o empobrecimento da população, com ênfase nas alas tradicionalmente mais carentes da sociedade. As demandas do mercado agora se tornaram prioritárias nas tomadas de decisão.

Como toda criação social, também o mercado é uma relação comunicativa. Não é uma entidade autônoma, mas um ser de ficção, por assim dizer, inventado, alimentado pelas pessoas, pelas sociedades e pelas culturas que o criaram. Ora, se o mercado é uma relação ou uma rede complexa de relações comunicativas, será um

exercício de pensamento mágico-mítico acreditar que ele em si possa regulamentar algo, já que sua intencionalidade reside na intencionalidade de seus participantes (BAITELLO, 2011, p. 15)

Para Romano, não apenas a economia, como constantemente se refere o bispo de Roma, mas também a política e a cultura tragaram a comunicação, transformando-a num elemento estratégico que mudou, inclusive, a forma de se medir os espaços, agora aferidos por uma geografia da comunicação (mapa de meios) que em suma é o primeiro passo para implantação de estruturas tecnológicas.

O desenvolvimento das infraestruturas nos últimos 150 anos, segundo Romano, revela mudanças na conquista dos espaços. Ele destaca diferenças entre dois tipos: uma serve ao transporte de bens materiais e a outra ao transporte de bens imateriais ou notícias. Com este segundo tipo, explica o pesquisador espanhol, se criam espaços imateriais, quer dizer, espaços de experiências que só de dão na imaginação e na tevê.

Perde-se com ela o lugar, o tempo e a sensorialidade, isto é, tem lugar uma descontextualização da informação e da comunicação. As possibilidades perceptivas, extraordinariamente ricas e complexas, se aproveitam em uma parte mínima. Dai que se fale de desmaterialização ou perda da sensorialidade das experiências com a aplicação das tecnologias. As experiências diretas se reduzem mediadas e mediatizadas (ROMANO, 2004, p. 15).

Estas mudanças podem ser promovidas por interesses econômicos sobretudo porque as infraestruturas são onerosas. Contudo, para se tornarem rentáveis, se segue, como ressalta Romano, o princípio da economia de sinais do pesquisador alemão Harry Pross, o qual trata da construção de recursos técnicos visando superar as restrições impostas pela percepção elementar.

Pode ser interpretada, de acordo com o autor, como motor da sociologia cultural visto que os detentores destes recursos estão capacitados a colonizar o tempo de vida de outros. Pelo princípio da economia de sinais, é possível alcançar simultaneamente um grande número de pessoas ainda que

localizadas em áreas distantes e em um tempo consideravelmente menor se comparado a qualquer outro tipo de emissão: O usuário do aparelho receptor técnico é doador econômico-político enquanto o dono da emissora se apropria do tempo de vida dos receptores humanos (PROSS, 1996, p. 3).

Romano explica que a superação do espaço, como fator consumidor de tempo, e o uso racional do tempo no processo de trabalho desempenham um papel decisivo, pois ambos os casos exigem inovação constante que, não raro, têm início nos setores militar e econômico e só após passam para o setor privado, onde é aplicada a lógica dos dois setores originais.

Pelas teorias da socialização e da psicologia social, aponta o pesquisador espanhol, se conhece os fundamentos que são as relações comunicativas para a formação da identidade, a capacidade de se relacionar com os outros e a competência comunicativa.

A saúde mental e a capacidade para delimitar o trato com outras pessoas e declarar-se solidário com elas, tudo isso se aprende com a interação direta com o entorno natural e social. E isso não pode ser feito de maneira abstrata ou medial, mas implica ação direta no aqui e agora, interação direta num espaço e num dado tempo, com a ajuda dos sentidos e das possibilidades expressivas (ROMANO, 2004, p.17).

Por esta razão, no entendimento de Romano, defender os espaços públicos equivale a combater a fragmentação social, o isolamento, a não comunicação, e, em última instância, melhorar a qualidade de vida. Reduzir e privatizar espaços públicos é o mesmo que mutilar as potencialidades humanas e piorar a qualidade de vida. O pesquisador espanhol chama a atenção para o desaparecimento da “paisagem comunicacional”, o que nos afeta em todos os sentidos. Os meios de telecomunicação, por exemplo, suplantaram e destruíram o controle da vizinhança e a vida cultural que existia nos bairros.

Os meios de comunicação são mensageiros de outro mundo, de outras vidas. Eles prometem participação (mídia interativa), mas como se sabe, a TV mina os vínculos sociais (ROMANO, 2004, p. 55).

A privatização e a comercialização acelerada dos lugares do tempo (de encontro), que culmina na extinção de ruas e praças, gera a dissolução dos laços sociais. O envolvimento com a mídia, mesmo que seja chamada de interativa, leva ao desligamento do ambiente próximo. Diz Romano que “não são as janelas que se abrem para o exterior, mas é a tela que traz para a sala da casa a realidade distante. A moradia se torna um retiro, a vida pública é substituída pela vida pública fragmentada da mídia”.

É preciso cuidar dos espaços comuns, dos marcos visual e das estruturas urbanas que melhoram o nosso sentido de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de ‘estar em casa’, dentro da cidade que nos envolve e nos une. [...] Assim, os outros deixam de ser estranhos e podemos senti-los como parte de um ‘nós’ que construímos juntos (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 123 - 124).

O espaço público, antes local de paz e convívio, se tornou perigoso e agora é ocupado por outros (polícia, exército, sem teto, delinquente). Para Romano, esta situação promove o afastamento das pessoas e, consequentemente, o impedimento da identidade social comum. Além disso, revela a desintegração da identidade cultural e sua substituição por uma cultura global com seus não lugares e sua solidão. As tradições se dissolvem no interesse de aumentar a mobilidade e a telecomunicação global.

Defender os espaços públicos equivale a combater a fragmentação social, o isolamento, a não comunicação, e, em última instância, a melhorar a qualidade de vida. Reduzir e privatizar espaços públicos são o mesmo que mutilar as potencialidades humanas e piorar a qualidade de vida (ROMANO, 2004, p. 20).

Romano atribuiu à globalização da economia, o processo acelerado de circulação do capital, o que foi facilitado pelas TICs, à rápida mudança da relação dos seres humanos com seu ambiente imediato. A migração em direção aos centros urbanos, a crescente precariedade e a mobilidade do trabalho motivam o desenraizamento em relação aos lugares onde nascemos e crescemos.

Até agora, a mudança do ambiente era mais lenta que a vida humana e o desenvolvimento social. Paisagens proporcionaram aos seres humanos que os habitaram um senso de identidade, uma espécie de memória coletiva. O ambiente natural, afirma Romano, torna-se parte integrante do lar. Hoje, a rapidez das mudanças dificulta a identificação com o território, a coexistência, a troca, em suma, com a comunicação humana.

O sentimento casa e por extensão de território, de pequena pátria, surge onde a história da natureza se funde com a das pessoas, donde se constitui nexos de experiência ao defender-se contra a fragmentação. É, ao mesmo tempo, a redescoberta de uma territorialidade afogada na mobilidade e aceleração de uma vida deslocada, uma imagem do concreto em uma cultura universalizada (ROMANO, 2004, p. 52).

Com a destruição de lugares e de espaços públicos, tradicionais pontos de encontro, acontece a supressão da diversidade, fator importante para a confrontação de ideias e formação de opinião. Privatizados, estes espaços não são mais usados como arenas de crítica e discussão: Eles passaram das relações absolutistas para a anarquia dos públicos do mercado capitalista (ROMANO, 2004, p. 56).

Para entender o homem e influenciá-lo racionalmente, explica Romano, é preciso agir em seu ambiente. O meio, que compreende os processos que se produzem no entorno de um ser vivo, é que determina a ação humana. É constituído pela complexa rede de relações de alguns homens com os outros. O homem se distingue de outros animais pelo fato de que toda a sua experiência é continuamente organizada em pensamento, na experiência de comunicação. A dimensão humana é a realidade estruturada em conhecimento comunicável e integrável no conhecimento de outros homens; ou, se preferir, a sociedade humana estruturada pela palavra.

No entanto, as intervenções tecnológicas na esfera da comunicação têm consequências para os indivíduos e para a sociedade. E não se limita a biosfera. Afeta também a sociosfera e ao âmbito da comunicação, o meio

social humano. A organização das comunicações, considerada para alguns como “revolução comunicacional”, apresenta algumas tendências dentre as quais se destaca a redução da comunicação primária.

Altera-se a relação entre a função informativa e a função socializadora da comunicação. [...] A redução dos contatos pessoais, isto é, o aumento da solidão, afeta sempre a saúde mental (ROMANO, 2004, p.11).

A redução dos contatos pessoais, do face a face, como explica Pross em *Investigação da Mídia*, está intimamente relacionado com o volume elevado de aparelhos tecnológicos disposição da sociedade, o que resulta em mais comunicação tecnicamente difundida. Seguindo a linha traçada por Romano, o Papa Francisco diz que é preciso recuperar as palavras e os gestos primordiais da comunicação e reconstruir esta comunicação asséptica, unicamente técnica e sem vida.

“Uma comunicação completa. Recuperar o sentido do tato. A comunicação perfeita é feita com o tato. O tato é o que há de melhor para a comunicação,” afirmou o Papa Francisco (WOLTON, 2017, p. 152);

O usuário do aparelho receptor técnico é doador econômico-político enquanto o dono da emissora se apropria do tempo de vida dos receptores humanos (PROSS, SISC, 1996, p. 3).

O Papa Francisco, como já demonstrou em diferentes oportunidades, é um crítico contumaz da comunicação técnica. Apesar disso, ele não nega, é igualmente um usuário assíduo deste tipo de comunicação. Ele, que é um dos “campeões do Twitter”, uma das redes sociais mais populares da Internet, foi questionado pelo sociólogo Dominique Wolton a respeito deste seu comportamento contraditório. O Papa Francisco não fugiu da resposta e afirmou que precisa utilizar de todos os meios para se aproximar das pessoas: “Eu publico tweets como que para abrir portas; tenho certeza de que esses tweets tocam corações”, afirmou o patriarca da Igreja Católica (WOLTON, 2017, p. 127).

Durante a mesma entrevista, Wolton cobrou do Papa um posicionamento mais agudo da Igreja Católica em favor da comunicação humana e pela moderação da comunicação técnica. O sociólogo francês reconhece que a comunicação técnica é mais rápida, ao contrário da comunicação humana, que é lenta, mas, ele lembra ao Papa Francisco, que é esta última que precisa ser salva. O bispo de Roma admite que a Igreja Católica precisa mais falar sobre este tema.

“Muitas personalidades falam de ‘sociedade do conhecimento’, de ‘civilizações do digital’. A questão, no entanto, não é humanizar a técnica, mas humanizar o Homem e protegê-lo”, alertou Wolton ao Papa Francisco (WOLTON, 2014, p. 127).

Para Romano, somente atuando na sociedade, o seu ambiente congruente, é que se é capaz de entender e influenciar o homem. Para ele, não existe formas distintas de corrigir ou aperfeiçoar a sociedade do que influenciar a ação e a experiência de indivíduos humanos.

A evolução não é um *deus ex machina* (*Deus surgido da máquina*) capaz de resolver problemas, mas foi, é e será um resultado da ação e experiência dos próprios homens: somente nas mãos do homem é determinada a marcha dos assuntos humanos. A direção da história é um processo determinado pela interação de um todo (sociedade) e os agentes que constituem e modificam (os homens). É um resultado e não um fim (ROMANO, 2004, p 41).

Sobre a evolução da sociedade, o pesquisador espanhol lembra que ela somente acontece quando promove o desenvolvimento da liberdade individual, a favor do progresso, da atividade produtiva. Para ele, a liberdade é o progresso da ação e da experiência, o que se traduz em maior previsão e segurança. Romano não nos deixa esquecer que a pedra de tropeço do homem foi a alteração da base da própria evolução, a cooperação humana, que se descambou na exploração do homem pelo homem.

... fosse possível organizar os homens sem dividi-los em exploradores e explorados, o progresso teria sido mais intenso. A divisão de classes (a definição viciosa antes do trabalho) se opõe ao progresso, e a luta de classes a favorece a quem pretende negá-las. Isso é óbvio

hoje para a grande maioria dos homens e, provavelmente, sempre terá sido para as classes produtoras (ROMANO, 2004, p. 43).

Para o Papa Francisco, hoje a humanidade não se dá conta da seriedade dos desafios que se lhe apresentam. Usando novamente expressão de Guardini, o Pontífice fala da possibilidade “do homem fazer uso do seu poder”, sobretudo quando “não existem normas de liberdade, mas apenas pretensas necessidades de utilidade e segurança”. Para ele, o ser humano não é plenamente autônomo: A sua liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal (LAUDATO SI, 2015, p. 86).

A afirmação papal corre na esteira de Romano também quando ele trata da ecologia humana, comumente entendida como a descrição do ambiente em que o ser humano pode e deve viver. Mas o pesquisador espanhol vai além, afirmando que não importa apenas as condições do ambiente externo, mas também as do mundo interno. Enquanto o ambiente externo destaca a localidade, o interior enfatiza sua função, coexistência e evolução conjunta. Estas duas dimensões, a do exterior e a do interior, condicionam a vida humana e, portanto, são objetos da ecologia humana.

Assim como estudamos os distúrbios e contaminações que alguns seres humanos causam na natureza, podemos também estudar as deformações e contaminações que eles introduzem nos conteúdos da mente. Isso ocorre, por exemplo, quando eles proclamam e disseminam informações contrárias à natureza humana, ao desenvolvimento saudável da personalidade, que suja e deforma as mentes humanas. Nesse sentido, uma das contaminações mais danosas ocorre quando se promove o individualismo e a competitividade, contrariando a natureza humana, constituída pela solidariedade e cooperação (ROMANO, 2004, p.57).

Nessa linha, o Papa Francisco coloca, de forma objetiva, a crise ecológica como uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade. Diz ele que não se pode sanar a relação do homem com a natureza e o meio ambiente sem curar todas as relações humanas

fundamentais. Acrescenta o Pontífice que o antropocentrismo colocou a razão técnica acima da realidade porque este ser humano “já não sente a natureza como forma válida nem como um refúgio vivente”.

É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 88).

De acordo com o Papa Francisco, certas opções que parecem puramente instrumentais, na realidade são opções sobre o tipo de vida social que se pretende desenvolver. Na avaliação do Sumo Pontífice, hoje o paradigma tecnocrático tornou-se “tão dominante que é muito difícil prescindir de seus recursos e mais difícil ainda é utilizar os seus recursos sem ser dominado pela sua lógica” (2015).

Francisco acredita que o modelo tecnocrático, exercerá cada vez mais influência sobre a economia e a política. O alvo, em qualquer circunstância, é o lucro máximo, sem pensar nas consequências para o ser humano. A tecnologia chega para reduzir custos de produção por meio da diminuição de postos de trabalho, que passam a ser ocupados por máquinas. Segundo o Papa, renunciar a investir sobre as pessoas para obter lucro maior imediato é um péssimo negócio para a sociedade. Sobre a redução dos postos de trabalho, o patriarca da Igreja Católica não considera apenas a perda do soldo pelo trabalhador, mas também a convivência física com seus pares, o que nos remete novamente a importância que confere à mídia primária de Harry Pross, à presença do corpo no processo de comunicação.

O trabalho não é somente a vocação do indivíduo, mas é a oportunidade de entrar em relação com os outros: qualquer forma de trabalho pressupõe uma ideia sobre a relação que o ser humano pode ou deve estabelecer com o outro. O trabalho deveria unir as pessoas, não afastá-las, tornando-as afastadas e distantes (PAPA FRANCISCO, 2016, p. 211).

Na opinião do Papa Francisco, expressa no discurso de 13 de maio de 2016¹, uma visão econômica exclusivamente orientada para o lucro e o bem estar material é incapaz de contribuir de modo positivo para uma globalização que favoreça o desenvolvimento integral dos povos do mundo, uma justa distribuição de recursos, a garantia de trabalho digno e o crescimento da iniciativa privada e das empresas locais.

Sobre a globalização, no discurso feito no Independence Hall, edifício onde foi proclamada a Declaração de Independência e a Constituição dos EUA, na cidade de Filadélfia, no Estado de Pensilvânia, durante viagem aos Estados Unidos, em 2015, Francisco afirmou que a globalização não é má, o que é ruim é a maneira de fazê-la.

Se uma globalização pretende fazer todos iguais, tal globalização destrói a riqueza e a singularidade de cada pessoa e de cada povo. Se uma globalização pretende unir a todos, mas respeitando em cada pessoa a sua personalidade, respeitando em cada povo a sua riqueza, a sua peculiaridade, essa globalização é boa, faz-nos todos crescer e leva à paz (TORNIELLI, 2017, p. 165).

Estranhamente, nos EUA, a “terra” do capitalismo, o Papa Francisco fez um comentário leve e ligeiramente didático a respeito da globalização, bem diferente dos discursos que costuma proferir a respeito do tema, sempre em tom acidamente crítico e extremamente contundente. Ele, inclusive, denomina de globalização econômica de globalização da indiferença, por excluir do seu centro de atenção os jovens que não se adaptam e os idosos, que não têm mais forças para atender as demandas do sistema.

Os idosos são a memória de um povo, são a sabedoria. Os jovens são a força, a utopia. E precisamos encontrar esta ponte entre os jovens e os idosos, porque ambos os grupos, hoje, neste mundo, são rejeitados pela sociedade. As pessoas idosas são largadas, deixamos de lado a memória de um povo, nossa raiz. Quanto aos jovens, somente os mais competitivos conseguem se virar. Os outros, com a droga, com o desemprego, são descartados (WOLTON, 2017, p. 59).

¹ Discurso Papa Francisco proferido e, 13/05/2016, acessado em maio de 2019:

Para Romano, a globalização nada mais é do que a conquista de novos mercados mediante comunicações facilitadas pela autovalorização do capital. Ele faz uma “conta” simples: preços mais baixos com salários mais baixos resultam em lucros maiores. Por esta “matemática”, os ricos estão ficando mais ricos e os pobres estão se tornando mais números em razão da crescente competição de trabalho: Quem não é capaz de suportar desaparece, porque as caixas sociais são esvaziadas, (ROMANO, 2004, p.46)

Em seu discurso no Parlamento europeu, em novembro de 2014, o Papa Francisco foi categórico. Não buscou palavras amenas para compor o quadro preocupante que queria apresentar. Disse aos parlamentares existir a prevalência das questões técnicas e econômicas no centro do poder político em prejuízo de uma orientação antropológica autêntica. Ele os advertiu para o fato do ser humano correr o risco de ser reduzido à mera engrenagem de um mecanismo que o trata a semelhança de um bem de consumo utilizável que, quando deixa de ser funcional, é descartado sem hesitação.

É o grande equívoco que ocorre quando prevalece o poder absoluto da técnica, que termina realizando uma confusão entre fins e meios. Resultado inevitável da ‘cultura do descarte’ e do ‘consumo exacerbado’ (PAPA FRANCISCO, 2016, p.127).

Na última Missa do Galo, que se realiza no Vaticano, tradicionalmente à meia noite do dia 24 de dezembro, na véspera da data definida como do nascimento de Cristo que, como revela a Bíblia, aconteceu num cenário simples e humilde, no interior de um estábulo e cercado por animais, na cidade de Belém, o Papa Francisco aproveitou o tema para, traçando um paralelo com o tempo atual, criticar fortemente o individualismo e consumismo exacerbado vigente, que não somente impede o exercício da generosidade como, também, contribui para a degradação do meio ambiente na medida em que se consome muito mais do que verdadeiramente se necessita.

"Numa sociedade frequentemente ébria de consumo e de hedonismo, de riqueza e de abundância, de aparência e de narcisismo, esta criança nos chama a ter um comportamento sóbrio, ou seja, simples, equilibrado, linear, capaz de entender e viver o que é realmente

importante", afirmou Francisco na homilia proferida perante milhares de fiéis de todo o mundo.¹³

Para Romano, a música, normalmente veículo de expressão e comunicação, foi transformada num ruído ensurdecedor que fomenta emoções primitivas, adquirindo assim um caráter regressivo. Segundo ele, estas músicas estimulam mensagens que exaltam a individualização, desconfiança do ambiente social, separação do indivíduo de seus pares, ou seja, deve-se manter o mínimo indispensável das relações sociais. O pesquisador espanhol afirma que a pessoa é o que são suas relações sociais e que essa fragmentação isola e incapacita o ser humano para a ação solidária.

Mutilada do contraste de opiniões, do enriquecimento do diálogo, da troca de informações, em suma, da interação comunicativa, torna-se uma presa fácil ao consumismo. Não é mais o que você sabe, mas o que você tem, ou pior, as dívidas que você tem. A experiência humana e, como consequência, a consciência, é espiritualmente empobrecida, por muitos dispositivos modernos que são comprados... (ROMANO, 2004, p. 67).

O cenário do mundo contemporâneo desenhado por Romano, que revela o ser humano solitário, cada vez mais isolado de seu meio social e, por esta razão, distante da prática da comunicação primária (estudada por Pross), vítima que é da comunicação técnica posta a serviço do grande capital que representa o mercado, beneficiário final do consumismo voraz, muito além do necessário, que está levando do a meio ambiente ao esgotamento de seus recursos naturais, é justamente o mesmo cenário que o Papa Francisco, preocupado principalmente com a herança que será deixada às gerações futuras, vê e lê com suas lentes cristãs. Mas o cardeal de Roma não é apenas um otimista convicto, como ele mesmo admite, mas, principalmente, um esperançoso contumaz, que acredita no despertar da consciência dos homens para a degradação veloz do meio ambiente, incluindo nele o próprio homem, antes que sejam ultrapassados os limites do irreversível. Em setembro de 2015, na cidade de Nova York, a Meca capitalista do consumo, no prédio da ONU (Organização das Nações Unidas), durante Assembleia Geral, o Patriarca

da Igreja Católica enfatizou a questão ambiental e reafirmou em seu discurso que o ser humano é elemento interno e não externo ao meio ambiente. Em suma, é agressor e vítima de sua própria agressão.

Antes de mais nada, é preciso afirmar a existência de um verdadeiro 'direito do ambiente', por duas razões: em primeiro lugar, porque como seres humanos fazemos parte do ambiente. [...] Em segundo lugar, porque cada uma das criaturas [...] possui em si mesma um valor de existência, de vida, de beleza e de interdependência com outras criaturas [...] E, para todas as crenças religiosas, o ambiente é um bem fundamental (WOLTON, 2017, p. 44).

Ao colocar o homem como parte integrante da natureza, não fora e nem acima, em seu discurso na ONU, o Papa Francisco nos remete imediatamente ao pesquisador suíço Fritjof Capra e ao seu livro *Teia da Vida* (1996), onde trata da diferença entre ecologia rasa, antropocêntrica, e ecologia profunda definida pelo filósofo norueguês Arne Naess, no início da década de 70 do século passado.

A ecologia profunda não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (CAPRA, 10ª edição, 2006, p. 26).

O Papa Francisco, no discurso que fez durante a entrega do prêmio Carlos Magno, em maio de 2016, quando, depois de muita resistência, aceitou recebê-lo, aproveitou a oportunidade para chamar a atenção da Europa que, na ocasião, debatia de forma radical a questão dos refugiados, que chegavam diariamente ao continente em números consideráveis, sugeriu como saída para este momento difícil a construção de pontes. De pontes humanas. Segundo ele, quando damos a mão a alguém, lançamos uma ponte. “Quanto vejo o outro e me interesso por ele, começo a construir uma ponte”, explicou Francisco.

Os professores e pesquisadores Jorge Miklos e Agnes S.A. Rocco, no artigo *Ecologia da Comunicação: desafio para a concepção de uma comunicação social cidadão*, citam a professora e pesquisadora Malena Contrera (2007) para tratar das pontes imaginárias.

Toda comunicação é uma tentativa de re-união com o mundo, de estabelecer vínculo que possa ser ponte entre a consciência e o sentimento primordial de fazer parte, de pertencer. Toda comunicação verdadeira, neste sentido, é uma ponte que se estende sobre o nada, que só aparece na beira do abismo, para quem se atreve a dar o passo nesse nada que se chama 'ir em direção ao outro'. Muitos não veem relação direta entre comunicação e comunhão, mas para mim ela parece inegável. Mesmo que há dissenso, que haja diferença, que haja tensão, não é nada disso que nos mobiliza a buscar a comunicação possível" (Revista FAPCOM, 2018, p. 99).

Diante do quadro migratório que se revela difícil diferentes regiões do planeta, mas que no Continente Europeu, é verdade, se apresenta em cores mais agudas e dramáticas, o Papa Francisco buscou em seu discurso de recebimento do prêmio Carlos Magno, criar pontes para que os pobres refugiados pobres de uma África igualmente pobre pudessem atravessá-la rumo a uma vida melhor e mais digna. Por isso lembrou que o "rosto" da Europa se caracteriza não por contrapor os outros, mas por trazer impressos traços de diferentes culturas. Por esta razão e para que a ponte imaginária sugerida se materialize, ele propõe o diálogo e não a construção de muros.

Se há uma palavra que devemos repetir, sem nunca nos cansarmos, é esta: diálogo. Somos convidados a promover uma cultura do diálogo, procurando por todos os meios abrir instâncias para torna-lo possível e permitir-nos reconstruir o tecido social. A cultura do diálogo implica uma autêntica aprendizagem, uma ascese que nos ajude a reconhecer o outro como um interlocutor válido, que nos permita ver o forasteiro, o migrante, a pessoa que pertence a outra cultura como sujeito a ser ouvido, considerado e apreciado (WOLTON, 2017, p. 104).

Quem atenta para as falas, gestos, olhares e até mesmo pelo silêncio, que também pratica como forma de comunicação, percebe claramente que o

Papa Francisco se não rompe, ao menos se esforça para romper o engessamento imposto pelo conservadorismo que persiste na Igreja Católica e, também, no que se refere à postura mais reservada de seus antecessores no cargo. Francisco é pop, não há como negar, até não católicos o conhecem e manifestam publicamente simpatia por ele. E não é pop somente porque tal qual o Papa João Paulo II, agora elevado à condição de santo, vai de corpo e alma ao encontro dos fiéis em diferentes partes do planeta, mas principalmente porque não foge da discussão de temas contemporâneos que, por diferentes razões, a Igreja Católica e seus antecessores foram sempre tratados como sensíveis ou proibidos. O diálogo, como diz o Papa Francisco, constrói pontes.

O cardeal de Roma não somente reconhece a importância como sabe usar com eficácia, em favor dos interesses da Igreja Católica, as diferentes formas de comunicação. E esta habilidade, vale frisar, ele demonstra desde os seus tempos de Jorge Bergoglio, ainda na Argentina, antes mesmo de se tornar popular no seu país de nascimento como o cardeal de hábitos simples e costumes humildes.

Apesar de sua reconhecida habilidade comunicacional Francisco não nega, nem tanto por palavras, porém mais por gestos e prática, sua predileção pela comunicação primária (Pross), que exige a presença do corpo para que se efetive. O Papa, incorporado por Bergoglio, sabe que o corpo fala.

Como adepto da comunicação primária, Francisco tem plena consciência da importância deste tipo de comunicação para a saúde física e mental do ser humano. Não é por outra razão que é um crítico sistemático da comunicação técnica, que se fortalece e se amplia no sistema capitalista. E esta ocorrência, como deixa claro Vicente Romano, não se dá por acaso. Ao eliminar áreas públicas, pontos de encontro e convivência social, provoca solidão e angústia que, para serem compassadas, estimulam o consumo voraz que, como toda droga, tem prazo de satisfação limitado.

Francisco, ao menos publicamente, jamais se pronunciou a respeito. No entanto, percebe-se claramente, não somente em seus discursos e entrevistas,

mas, sobretudo, na homilia *Laudato Si*, de 2015, que incorporou a Ecologia da Comunicação ao discurso contemporâneo da igreja Católica, o que será demonstrado no próximo capítulo.

3.3 De João Paulo II a Francisco, a Igreja Católica em crise.

Antes de chegar ao Vaticano para assumir como papa João Paulo II o assento de Pedro, em 1978, alterando a ordem de uma lista longa (desde 1522) de papas originalmente italianos, o cardeal Karol Wojtyła já era conhecido e respeitado no mundo pelo papel de conciliador que desempenhara na greve dos trabalhadores do estaleiro de Gdansk, na Polônia, movimento que iniciou a derrocada do regime comunista em vigor no País, até então apoiado e mantido pelas forças econômica e militar da União Soviética.

Wojtyła assumiu o comando da legião de católicos espalhados pelo mundo em razão da morte precoce de João Paulo I, que ficou pouco mais de um mês no posto. Foi eleito para substituir Paulo VI.

Aqueles eram tempos de mudança. O início do papado de João Paulo II coincide com a queda do sistema comunista, a ascensão da economia de mercado na Europa e o fortalecimento da globalização, na economia e na comunicação. O papado de João Paulo II pode ser dividido em duas fases, uma antes outra depois do atentado que sofreu na Praça São Pedro, no Vaticano, cometido pelo jovem turco Mehmet Ali Agca, em 1981. Graças a sua excelente forma física, era um esportista, João Paulo II resistiu.

O papa polonês tem o mérito de ter rompido de vez com o imobilismo papal vigente no Vaticano. Viajou o mundo com o intuito de aproximar o Papa, até então figura quase que intocável, e reaproximar a Igreja Católica dos seus fiéis. O seu conservadorismo explícito era compensado pela simpatia de um sorriso sempre cativante. Diziam que ele era o símbolo da globalização: cruzava fronteiras e falava fluentemente inúmeros idiomas. Transformou-se em ícone de uma época, sendo considerado um dos líderes mais influentes do

século XX. Foi astro pop de uma geração, cantado e declamado em prosa e versos.

Contundo, dois tiros bastaram para minar a força da sua luz, que clareava a esperança por onde passava. A partir de então, suas viagens foram reduzidas e as poucas que realizou após o atentado se mostraram difíceis. Seu corpo revelava, além do peso natural da idade, os reflexos da agressão violenta que sofrera. João Paulo II, hoje já elevado à condição de santo, é lembrado pela simpatia contagiante, por desmitificar a figura do Papa e reacender a fé na Igreja Católica.

Além destes motivos notáveis, existem outros que forçam a lembrança de seu nome, porém, para alguns, não de forma positiva: a resposta burocrática, sem a firmeza devida e necessária às acusações de pedofilia e abuso sexual que cresciam e ganhavam o interior da Igreja pelas sacristias paroquiais; por frear de forma violenta, com afastamento e excomunhão, o avanço da Teologia da Libertação nos países do Terceiro Mundo; e, ainda, por impedir o debate de questões relevantes destes tempos contemporâneos, como o aborto e a homossexualidade, por exemplo. Igualmente não deu a devida e necessária atenção ao capitalismo excludente que já se materializava ao seu redor e aos males da globalização. Morreu em 2005. Nessa época, vale dizer, o ateísmo já era uma realidade visível na Europa.

Para o seu lugar, depois de renhida disputa com o “desconhecido” cardeal argentino Jorge Bergoglio no Conclave de cardeais, foi escolhido o cardeal alemão Joseph Ratzinger, seu ex-assistente direto, que adotou o nome de Bento XVI. Vaticanistas estranharam a escolha de um intelectual para o posto, sobretudo num momento difícil para a imagem e credibilidade pública da Igreja Católica em todo o mundo. Esperavam o nome de um cardeal com jogo de cintura para enfrentar os problemas que se agravavam no horizonte cada vez mais próximo da Igreja.

As acusações de pedofilia e abuso sexual contra membros da Igreja Católica aumentaram e pior, avançaram sobre batinas da alta hierarquia do clero. Países do Terceiro Mundo viam o crescimento das Igrejas Evangélicas

em áreas e extratos sociais que antes trabalhados pela Teologia da Libertação. O ateísmo seguia em expansão e a debandada de fiéis já é reconhecida pela própria igreja.

Bento XVI faz algumas viagens pelo mundo, mas é notória a ausência de carisma e de identidade com católicos do mundo. Para o seu azar, é percebido como oposto de seu antecessor. Há que se considerar o fato de Bento XVI ter sido sempre um burocrata, intelectual atuante nos bastidores do Vaticano. Além do mais, é alemão de origem, país com uma cultura mais “sisuda” e fechada até mesmo quando comparada à polonesa. Bento XVI, por mais que tentasse e se esforçasse, não conseguia estancar a sangria. Era um religioso respeitado, mas suas palavras não tinham a força daquelas oferecidas por João Paulo II.

Surpreendentemente, sem que fosse emitido qualquer sinal nesta direção, Bento XVI toma uma decisão histórica, a de abdicar do trono de Pedro, em 2013. Jamais um papa ousara cometer tal feito. Alegou o avanço da idade e o consequente cansaço físico, mas especialistas no Vaticano questionam a justificativa. Inegavelmente, a saída extemporânea do papa alemão afeta ainda mais a imagem pública da Igreja Católica.

Os problemas da Igreja Católica não são poucos e nem pequenos, clamam por respostas urgentes e assertivas do Vaticano. Diante dessa crise visível, existe outra, de ordem interna, invisível para olhares externos, que divide os cardeais entre os que querem a manutenção do status quo, dos que esperam mudança apenas de ordem cosmética e os radicais, que buscam a ruptura completa com o status vigente. Não foi por outra razão que o último conclave foi considerado por especialistas como um dos mais tensos da história. É possível imaginar que as amarrações políticas tenham sido complexas e por isso, difíceis.

O nome que surge dessa arena religiosa de interesses múltiplos é inesperado e surpreendente, ao menos num primeiro momento, para todos vaticanistas e jornalistas especializados na cobertura da política e do cotidiano do Vaticano: Jorge Mário Bergoglio, 78 anos, cardeal da Basílica de Buenos

Aires. Não era citado dentre os nomes favoritos. Seu nome não constava das bolsas de apostas. Pesava contra ele a idade avançada e um problema antigo de saúde, no pulmão.

Bergoglio escolheu Francisco como nome papal, inspirado em Francisco de Assis, santo católico que goza de grande simpatia entre os religiosos não apenas pela humildade, mas principalmente pela bondade que distribuía aos mais necessitados, aos animais e o respeito pela natureza. O nome do novo papa agradou a todos e muitos o viram como elemento capaz de unir a Igreja Católica, bastante dividida antes do conclave. Bergoglio sabia que não era cotado para o assento de Pedro e que a sua escolha foi uma surpresa, por isso se autodenominou, logo em sua chegada, como o Papa do fim do mundo. Mas a sua escolha, passada a emoção da surpresa, faz todo o sentido, pois Bergoglio representa a região com o maior número de católicos do mundo.

3.3.1 Francisco e os problemas não resolvidos da Igreja Católica

A pincelada pelos papados anteriores à chegada de Francisco ao trono de Pedro faz-se necessária para emoldurar a dimensão e a gravidade dos problemas que terá que abordar ao longo de sua gestão porque não foram resolvidos adequadamente ou nem mesmo considerados graves ou urgentes por seus antecessores. Estas questões voltam à tona, agora como forma de pressão ao novo Papa.

A questão da pedofilia e dos abusos sexuais, por exemplo, é antiga. Contudo, ganhou visibilidade ainda na administração de João Paulo II, com leva considerável de casos nos Estados Unidos. Muitos chegaram aos tribunais e indenizações enormes foram pagas. A cúpula da Igreja Católica à época, no entanto, agiu como se os casos fossem pontuais e localizados, não como uma epidemia silenciosa que tomava conta de todo o clero em diferentes partes do mundo.⁴ 10

O problema, gravíssimo, não foi considerado na forma devida, principalmente no tange a preservação da credibilidade moral da Igreja Católica. Tanto João Paulo II como Bento XVI condenaram sim estes atos, no entanto, sem a força crítica que exigiam, ou seja, a expulsão definitiva do clero, indistintamente, de todos os envolvidos, independentemente da sua posição hierárquica na Igreja. Sabe-se hoje que batinas graduadas foram poupadas. A explosão do tema na mídia era inevitável.²⁷ 11

Sobre o capitalismo e a sua busca incessante e desmesurada por lucros cada vez maiores e, em razão destes objetivos, a exploração do homem pelo homem, os dois papas, o polonês e o alemão, comentaram a respeito em homilias. Porém, de forma contemporizadora, sem a contundência que ao menos obrigasse uma reflexão. Talvez a origem de ambos possa explicar em parte a suavidade das palavras: João Paulo II era polonês e viveu durante boa parte de sua vida sob o regime comunista; Bento XVI é alemão, país que até chegou a trefegar pela Social Democracia, mas sempre com profundo respeito pelo mercado. A Igreja Católica, como se sabe, jamais foi avessa aos lucros, mesmo aqueles acima do limite do razoável.¹¹ 12

Pouco antes de abdicar do trono de Pedro, Bento XVI, em sua mensagem de Ano Novo, vendo a Europa sofrer com uma crise econômica grave, que produzia milhões de desempregados, surpreendeu os fiéis com uma crítica firme ao sistema econômico vigente na maioria dos países do Continente e denunciou “os focos de tensão e conflito causados por crescentes desigualdades entre ricos e pobres, pelo predomínio de uma mentalidade egoísta e individualista que se exprime inclusivamente por um capitalismo financeiro desregrado”.²¹13

Sobre o aborto, tema considerado tabu pela igreja católica, João Paulo II e Bento XVI foram sempre extremamente inflexíveis na condenação de forma a impedir qualquer possibilidade de diálogo a respeito.

“A Igreja Católica condena como ofensa grave à dignidade humana e à justiça todas aquelas atividades dos governos ou de outras autoridades públicas, que tentam limitar por qualquer modo a

liberdade dos cônjuges na decisão sobre os filhos. Consequentemente, qualquer violência exercitada por tais autoridades em favor da contracepção e até esterilização e do aborto procurado é absolutamente de se condenar e de se rejeitar com firmeza” (João Paulo II, Familiaris Consortio, 1981).

"[...] foi na Europa aonde a noção de direitos humanos foi formulada pela primeira vez. O direito humano fundamental, o antecedente de qualquer outro direito, é o direito à vida em si. Isto é verdade do momento da concepção até a morte natural". "[...] Chamo, então, aos líderes políticos a não permitir que as crianças sejam consideradas como uma espécie de doença, nem abolir na prática de seus sistemas legais que o aborto está mal" (Bento XVI, Viena / Áustria, 2007 – discurso Palácio Holfburg).

A respeito da homossexualidade, João Paulo II e Bento XVI tratam o tema de forma humanitária, mantendo as portas da Igreja abertas para todos. O que implica na crítica mais contundente da Igreja Católica a esta questão é a união matrimonial de duas pessoas do mesmo sexo, o denominado casamento gay.

“Desejaria limitar-me a ler o que diz o Catecismo da Igreja Católica que, depois de ter feito observar que os atos de homossexualidade são contrários à lei natural, assim se exprime: ‘um número não desprezível de homens e mulheres apresenta tendências homossexuais. Eles não escolhem a sua condição de homossexuais; essa condição constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza ’”, disse João Paulo II, em 2000, ano do Grande Jubileu, celebração da Misericórdia de Deus, quando condenou a Parada Gay em Roma, realizada no mesmo período, e a considerou uma ofensa aos valores cristãos.^{22 14}

[...] a educação das crianças precisa de ambientes adequados, e o lugar de honra cabe à família, baseada no casamento de um homem com uma mulher. [...] Essa não é uma simples convenção social e sim a célula fundamental de cada sociedade. Consequentemente, políticas que afetam a família ameaçam a dignidade humana e o próprio futuro da humanidade (Bento XVI, 2012, mensagem de ano novo para diplomatas credenciados no Vaticano).^{6 15}

É fato incontestável que o mundo mudou consideravelmente depois do papado de João Paulo II e um pouco mais após abdicação de Bento XVI e hoje se apresenta transfigurado, tudo parece “próximo” e as pessoas mais inquisidoras, contestadoras e por vezes agressivas contra autoridades políticas e religiosas. A fé é questionada.

Resta claro que o legado de “problemas por resolver” deixado pelos papas antecessores a Francisco exige, para a sua solução, habilidade política e, em igual medida, habilidade comunicacional não somente para se fazer ouvir, mas, principalmente, para se fazer entender. O mundo vive um período inusitado de intolerância em diferentes sentidos, inclusive religioso, e o Papa do fim do mundo é convidado a exercitar o “seu jogo de cintura” para preservar a credibilidade e a respeitabilidade da Igreja Católica.

A igreja é uma autoridade apenas moral. A autoridade moral da Igreja depende do testemunho de seus membros, dos cristãos. Se os cristãos não dão testemunho, se os padres tornam-se carreiristas e arrivistas, se os bispos são assim... Ou se os cristãos sempre buscam explorar os outros, se pagam ‘por fora’, se não ligam para a justiça social, não agem como fiéis (WOLTON, 2017, p. 51).

A credibilidade da Igreja tem sido seriamente enfraquecida e diminuída por esses pecados e crimes, mais ainda mais pelos esforços feitos para negar ou ocultar os mesmos. [...] A ferida na credibilidade exige uma abordagem particular, pois não se resolve por decretos voluntaristas ou simplesmente estabelecendo novas comissões ou melhorando organogramas de trabalho como se fossemos chefes de uma agência de recursos humanos (Carta assinado por Francisco à Conferência Episcopal do EUA – 2019).³⁹

É certo que as mudanças exigidas pelos novos tempos suscitam divergências no âmago da Igreja Católica. A discórdia entre as alas conservadores e liberais do clero já não se escondem entre quatro paredes do Vaticano e nem fora dele nas basílicas espalhadas pelo mundo. São explícitas e já ocupam largos espaços nos meios comunicacionais de massa. O Papa Francisco, que goza de popularidade mundial inaudita entre os Sumos Pontífices e elevada simpatia até entre não católicos, tem a sua autoridade contestada por seus pares da Igreja.

Em 2017, o jornalista britânico Andrew Brown, especialista em religião, escreveu no jornal o Público, de Portugal, extensa matéria com o título A Guerra Contra o Papa Francisco, em que detalha os bastidores da disputa agressiva que acontece no seio da Igreja Católica contra posições expressas pelo Papa argentino. Alguns já o acusam de heresia e exigem a sua renúncia.

Segundo Brown, a mistura de ódio e temor é frequente entre os adversários do Papa Francisco, eleito como um *outsider* dos poderes instituídos do Vaticano. Era esperado que fizesse inimigos, mas não tantos. E nem em tão pouco tempo. Desde a sua rápida renúncia à pompa do Vaticano, revela o jornalista, que marcou desde logo a diferença na relação com os mais de três mil empregados civis do Vaticano, ao seu apoio aos migrantes, às suas críticas ao capitalismo global e, acima de tudo, à sua intenção de reexaminar as posições da Igreja relativamente ao sexo, o Papa tem escandalizado os reacionários e os conservadores.

Como ele tem se mantido firme e mostrado sóbria perseverança face ao crescente descontentamento, começam agora a preparar-se para a guerra. Recentemente um cardeal, com o apoio de alguns colegas já aposentados, levantou a possibilidade de uma declaração formal de heresia — a rejeição intencional de uma doutrina estabelecida da Igreja, pecado punível com a excomunhão.⁹ 17

3.3.2 Por uma nova abordagem: comunicação e tolerância

A história pregressa de Francisco, como cardeal Jorge Mario Bergoglio na Argentina, e os seus cinco anos como Bispo de Roma, são mais do que suficientes para mostrar que se trata de um homem inteligente, preparado para as responsabilidades do posto e, por tudo isso, com perfeita noção e visão das necessidades impostas por estes novos tempos. Francisco conhece a realidade da Igreja Católica e sabe que o momento do mundo não é para castigos, mas para a prática da tolerância, e nem de imposição de dogmas, mas de exercício do diálogo. E é o que vem tentando fazer.

“Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”, afirmou o Papa durante a entrevista concedida aos jornalistas que o acompanhavam no voo de volta à Itália depois da visita ao Brasil, em 2013.⁵ 18

A frase relativa à homossexualidade, expressa por ele pouco meses após assumir o trono de Pedro, apesar da polêmica, o que exigiu imediato esclarecimento do Vaticano, serviu para apontar a direção do seu papado. O mesmo furor, mais dentro do que fora da Santa Sé é verdade, foi gerado quando Francisco tratou da comunhão para os divorciados recasados. Para ele, nestes casos, a Igreja deve ser acolhedora, acompanhar, discernir as situações irregulares e integrar. Em sua avaliação, a postura do diálogo abre caminho para a comunicação.

Na realidade, o que acontece é que as pessoas dizem: 'Não podem comungar', 'Não podem fazer isso ou aquilo'. Essa é a tentação da Igreja. Mas não, eu não! Nós encontramos esse tipo de proibições no drama de Jesus com os fariseus. É a mesma coisa! Os grandes da Igreja são os que têm uma visão que vai além, os que compreendem: os missionários.^{12 19}

Muitos homossexuais e divorciados recasados frequentam as igrejas e praticam a religião católica normalmente, inclusive comungando, e o Vaticano tem ciência destas ocorrências. No entanto, prefere manter-se preso, ao menos em termos de discurso, às regras tradicionais. O “afrouxamento” proposto pelo Papa para algumas questões tradicionalmente consideradas sensíveis para o catolicismo não significa - o Vaticano faz questão de enfatizar - apoio ao casamento entre pessoas do mesmo gênero, ao recasar e muito menos as manobras legais que facilitam o aborto.

As disputas políticas internas não inibem o Papa Francisco, que segue expondo publicamente as suas opiniões e sendo pragmático em alguns pontos tradicionalmente delicados para a Igreja Católica. Ele não foge das discussões.

O Patriarca da Igreja Católica, diferentemente de seus tempos de cardeal, já demonstrou por diversas vezes que sabe utilizar a comunicação a seu favor e de suas causas. Francisco também sabe ser firme e rigoroso, mesmo em público. O Papa não poupa ninguém, como cantou uma banda de rock referindo-se a João Paulo II. Mas a frase cai igualmente bem para o Papa de sangue latino.

Além das bandeiras tradicionais empunhadas pela Igreja Católica, que falam mais ao espírito, o papado de Francisco viu-se obrigado a empunhar outras, de caráter mais humanitário, que precisam de respostas urgentes, pois têm a ver com a continuidade da vida na Terra. Da forma como a conhecemos. Estas novas demandas tornaram-se agudas especialmente nos últimos anos. Embora sejam tratadas de formas individualizadas são, na verdade resultantes de um único sistema gerador, do sistema capitalista e de sua volúpia por lucros exuberantes.

As novas demandas impostas a Francisco são, principalmente, a chegada em massa de refugiados africanos a Europa; o desemprego elevado em diferentes partes do mundo; a miséria, a violência inaudita do homem; o individualismo; o consumismo sem limites; e o meio ambiente exaurido e agredido. Por diversas vezes o papa argentino mostrou que reconhece os responsáveis e sabe dos artifícios usados que fomentam esta situação. Ele os denunciou na carta encíclica *Laudato Si*.

Para fazer frente a este cenário difícil e complexo, que escapa ao tradicional enfrentado pela Igreja Católica nos últimos papados, o Papa Francisco se vê obrigado a apresentar uma abordagem política e comunicacional diferente da usual. O capital ético, moral e político, seu e da instituição da qual é o representante máximo, a Igreja Católica, está em jogo. Ele tem consciência deste risco. Embora o Papa seja o líder da Igreja Católica, a credibilidade pública de ambos é diferente.

As viagens apostólicas que o Papa Francisco realiza dentro e fora da Itália são prova disso. Arrebata multidões de católicos e não católicos, que reagem às suas expressões e falas sempre de forma festiva, mesmo em países onde o catolicismo romano não é majoritário. A imagem de Francisco é positiva e respeitada. O Papa tem créditos de credibilidade. O mesmo, no entanto, não acontece com a instituição que preside. A Igreja Católica tem percepção pública abalada, como sua própria cúpula admite. São vários os fatores de desgaste, porém, é conferido destaque à forma como administrou,

durante bom tempo, inúmeros escândalos de abuso e assédio sexuais protagonizados por seus membros, alguns da alta hierarquia do clero.

A credibilidade da Igreja tem sido seriamente enfraquecida e diminuída por esses pecados e crimes, mas ainda mais pelos esforços feitos para negar ou ocultar os mesmos. [...] o povo fiel de Deus e a missão da Igreja continuam sofrendo muito como resultado de abusos de poder, consciência e abuso sexual e da maneira como foram administrados. A ferida na credibilidade exige uma abordagem particular, pois não se resolve por decretos voluntaristas ou simplesmente estabelecendo novas comissões ou melhorando organogramas de trabalho como se fossemos chefes de uma agência de recursos humanos (Francisco, 2019, carta endereça a Conferência Episcopal Americana).^{40 20}

O Papa Francisco é consciente dos problemas graves que afligem a Igreja Católica como instituição e, mais ainda, ao seu rebanho, homens e mulheres, católicos e não católicos entregues a toda sorte de dificuldades, nos cinco continentes. Francisco sabe que tanto o Papa como a Igreja Católica, até mesmo para manutenção de seu poder de influência, não pode se ausentar do esforço que está sendo empreendido na busca de soluções e muito menos aceitar papel secundário qualquer que seja a arena de discussão. Há necessidade de protagonismo, porém este só é possível com discursos e ações realistas, relacionados às questões destes tempos contemporâneos.

A interpretação das ocorrências e o discurso proferido deixam claro que o Papa Francisco atua com uma nova abordagem. Ele tem visão 360º do cenário e não está usando a Bíblia como trincheira, mas sim como arma adicional para enfrentamento das dificuldades. O seu olhar e percepções da realidade do mundo e do homem inserido nele, manifestos de forma didática e dura, como a situação exige, na carta encíclica *Laudato Si*, revelam impressionante proximidade com as conclusões dos estudos do pesquisador espanhol Vicente Romano e apresentados no livro *Ecologia da Comunicação*.

Francisco, assim como Romano, entende que o capitalismo voraz hoje em vigor, com a expansão das redes de telecomunicações, uniu-se ao poder político e assumiu o controle da comunicação para impor os seus interesses

aos consumidores, por meio da oferta de aparatos tecnológicos diversos. O Papa também consegue ver os efeitos deletérios das gerados pelas facilidades de consumo e do excesso de uso destas modernidades tecnológicas.

Tornou-se anticultural a escolha de um estilo de vida cujos objetivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica, dos seus custos e do seu poder globalizante e massificador. Com efeito, a técnica tem a tendência de fazer com que nada fique fora de sua lógica férrea, e o 'homem que é o seu protagonista sabe que, em última análise, não se trata de utilidade nem de o bem-estar, mas de domínio; domínio no sentido extremo da palavra' (FRANCISCO, 2017, p. 89).

Os estudos realizados pelo professor e pesquisador espanhol Vicente Romano, no âmbito da comunicação e denominados de Ecologia da Comunicação, oferecem ao Papa Francisco e conseqüentemente à Igreja Católica, uma plataforma analítica das ocorrências destes novos tempos.

A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade. Por isso, pretender resolver todas as dificuldades através de normativas uniformes ou por intervenções técnicas, leva a negligenciar a complexidade das problemáticas locais, que requerem participação ativa dos habitantes. [...] As soluções meramente técnicas correm o risco de levar em consideração sintomas que não correspondem às problemáticas mais profundas (LAUDATO SI, 2015, p. 119).

O Papa Francisco coincide com o pesquisador espanhol Vicente Romano em Ecologia da Comunicação, quando diz que o capital absorveu e transformou a comunicação e hoje a utiliza conforme seus interesses por meio de inúmeros tipos de aparatos. O Sumo Pontífice concorda com as teses de Romano de que este tipo de comunicação, eminentemente técnica, associado à oferta cada vez menor de espaços públicos, considerados pontos de encontro e de convivência, está estimulando não somente o individualismo e a solidão, mas também, como consequência, muitas vezes para preencher o vazio existencial, o consumismo acima de necessidade.

O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornarem profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta de uma satisfação imediata (LAUDATO SI, 2017, p.131).

Este quadro, de acordo com Romano, reduz consideravelmente a prática da comunicação primária definida pelo pesquisador alemão Harry Pross e que para ser realizada exige a presença física, corpos. Francisco, em inúmeros exemplos, deixa claro a sua predileção pela comunicação face a face.

Como elo entre um ser humano e outro, ou entre pessoa e máquina, a comunicação tem uma dimensão ecológica e ética. A crescente disbiose comunicativa entre comunicação pessoal e técnica tem consequências para os seres dialógicos, como os seres humanos. Solidão e perda de relacionamento são os efeitos mais óbvios. [...] O resultado é a perda de presença, a crescente colonização do biotempo pelos monólogos permanentes da técnica, que deixa o ser humano sem a presença do outro (ROMANO, 2004, p. 145).

Embora faça críticas ao modelo, ele não hesita em usar aparatos tecnológicos quando necessário, para falar aos corações e mentes dos fiéis da Igreja Católica: Faço isso apenas para abrir as portas (WOLTON, 2017, p. 126)

O Papa Francisco é comunicação. Seu corpo, expressões e até seus paramentos. A sua batina, por exemplo, é um símbolo de comunicação importante de autoridade e assim que é reconhecida, impõe respeito, pois representa uma tradição. É quase um símbolo santo. E cobrindo o Papa Francisco, como um manto, ganha significado ainda maior, pois ele é comunicação em todos os sentidos e em tempo integral.

É o homem que valoriza o 'contato pessoal, conquista com o seu olhar e ilumina com a suas orientações. É dotado de grande calor humano. A profundidade do seu pensamento, expresso em conceitos simples e numa linguagem nova e cativante, permite-lhe, como a um bom escritor, inventar termos novos, compreensíveis e de significado plástico para os jovens (STRAZZARI, 2014, p. 123).

O Papa Francisco, como mostra a sua história, reconhece a importância do papel da comunicação não apenas para a boa convivência social entre os homens, mas também para a sua saúde, sobretudo psíquica e, igualmente, na preservação do meio ambiente. Francisco não individualiza estas questões, as mantém no mesmo balaio, pois, como deixa claro em *Laudato Si*, estão todas entrelaçadas. Segundo ele, qualquer que seja a solução que se proponha para resolver os problemas graves que neste momento afrontam a humanidade e o planeta, deve simultaneamente abraçar a todas. A solução deve ser conjunta. O Sumo pontífice tem fé, mas não certeza de que esta demanda possa ser atendida de imediato.

O problema é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise e há necessidade de construir lideranças que apontem caminhos, procurando dar resposta às necessidades das gerações atuais, todos incluídos, sem prejudicar as gerações futuras. Torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas, antes que novas formas de poder, derivadas do paradigma tecnoeconômico, acabem por arrasá-los não só com a política, mas também com a liberdade e a justiça (LAUDATO SI, 2015, p. 44).

Tanto que o Papa lamenta, na própria encíclica, a falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente, que atribui à submissão da política à tecnologia e à economia. Segundo Francisco, são muitos os interesses individuais e sem qualquer dificuldade o interesse econômico chega a se sobrepor ao bem comum e manipular a informação para não ver afetados os seus interesses: Por isso, hoje, qualquer realidade que seja frágil, como o meio ambiente, fica indefesa perante os interesses do mercado divinizado, transformados em regras absolutas (LAUDATO SI, 2015, p. 46).

Este grito de alerta que o Papa Francisco apresenta em 2015 no formato de encíclica teve a sua base desenhada em 2005, no documento de Aparecida, trabalho que foi coordenado pessoalmente por ele, quando ainda era o cardeal

Bergoglio. Jornalistas especializados e vaticanistas, após conhecerem a narrativa de *Laudato Si*, dizem que o documento de Aparecida já era um programa de governo. A percepção desta coincidência pode variar, mas não a forte relação com os estudos sobre a Ecologia da Comunicação realizados por Vicente Romano.

O trabalho do pesquisador espanhol, centrado no desempenho da comunicação do homem, vítima de interferências técnicas e da influência sutil e perversa de mudanças no ambiente de entorno, ambas as ações promovidas pelo Capital que, por sua vez, controla o mercado, o beneficiário “conhecido” do estímulo ao consumo voraz e autofágico, que gera lucros muito além do limite do razoável, está, de alguma forma, “impresso” em diversas páginas e capítulos da encíclica *Laudato Si*.

A comunicação ecológica pode e deve ser apresentada como uma ideia reativa de todas as ações comunicativas. A comunicação ecológica implica atenção e sinceridade, recíproca, confiança e surge do respeito igual ao interlocutor. Corre paralelamente à renúncia ao uso da violência linguística, seja em expressão, entonação, velocidade, etc. Subordina os interesses dos interlocutores aos de sua comunicação conjunta. Quem só pensa em si mesmo é irremediavelmente ignorante, por mais instruído que seja. A fundamentação de uma comunidade, a adaptação dos comunicadores à comunidade, pressupõe a adaptação de um para o outro (ROMANO, 2004, p.152-153).

A certa altura da longa conversa entrevista que o Papa Francisco travou com o sociólogo francês Dominique Wolton, nas dependências do Vaticano, falando sobre comunicação e seus problemas, os muros que se levanta, ele se pergunta: “qual laço um ser humano pode estabelecer com outro ser humano? Qual a ponte mais humana?”. Ele mesmo respondeu: “dar a mão. Quando dou a mão a alguém, faço uma ponte”. Ou seja, como disse Romano acima, é a adaptação de um para o outro.

No próximo capítulo, a conclusão deste trabalho, vamos mostrar que o Papa Francisco incorporou, como algumas adequações necessárias, a Ecologia da Comunicação ao discurso contemporâneo da Igreja Católica.

4- CONCLUSÃO

A Igreja Católica ainda está politicamente dividida e segue em crise de credibilidade. Estes dois males, que podem ser fatais se não forem contidos brevemente, dentre outros de igual importância, foram diagnosticados há tempos. Neste período, foram administradas soluções caseiras, que apenas mascararam o mal. A escolha do cardeal argentino Bergoglio para o lugar do abdicante Bento XVI, hoje se revela um remédio amargo para ala mais conservadora - existe um grupo de cardeais que age abertamente para sacá-lo do posto -, porém necessário para debelar o mal pela raiz e manter a Igreja viva e respeitada para os católicos do todo o mundo.

Bergoglio foi o inesperado. Seu nome saiu da ala de cardeais que enxergava, já na ocasião do Conclave, em 2013, a necessidade de ruptura com o status quo, que preferia deixar tudo como está ou, então, promover movimentações apenas de ordem cosmética. Mexer somente nas aparências. Contudo, quem conhece a história de Bergoglio percebe que ele gosta de grandes desafios e que não teme o tamanho da arena e nem a importância de seus oponentes. E este seu jeito portenho de ir à luta, como se diz por aí, ele não deixou em Buenos Aires para se assumir como Papa Francisco. Ao contrário, levou e faz uso dele na Santa Sé.

O Papa Francisco sabe e não esconde que tem pela frente uma missão complexa e difícil. A crise que vive atualmente a Igreja Católica é, sem dúvida, das mais graves dos últimos séculos. O ateísmo cresce, principalmente na Europa, e em outras partes do mundo o catolicismo perde rapidamente fiéis para outras denominações religiosas. Uma ação urgente, representativa e com forte apelo mediático precisava ser feita. A maioria dos cardeais do Conclave tinha consciência desta urgência. A escolha do cardeal Bergoglio trazia em seu bojo os ingredientes necessários, além de uma história pessoal de desapego, simplicidade e humildade que o “marketing” do Vaticano precisava e soube explorar com competência. Agrega-se ainda a escolha por Bergoglio do nome

Francisco como designação papal, inspirado no Santo Francisco de Assis, quase uma unanimidade entre os católicos de todo o mundo.

Bergoglio agradou mais aos Franciscanos que aos Jesuítas, irmãos de Ordem. Seu nome, ele sabe as razões, não é muito apreciado na Companhia de Jesus. Mas esta é uma questão menor diante de outras, de magnitudes bem superiores, que esperam ansiosamente por respostas. Francisco sabe que precisa encontrá-las.

O Sumo Pontífice viaja pelo mundo e por onde passa dificilmente não é questionado a respeito dos atos de pedofilia e assédio sexual praticados por religiosos católicos, sobre o casamento “gay”, aborto, comunhão para recasados e até ordenação de padres casados. Nos seus tempos de Cardeal Bergoglio, na Argentina, ele conseguia driblar a imprensa repassando suas entrevistas para um auxiliar que convocou para ser o seu porta-voz e da Basílica de Buenos Aires. Como Papa este artifício não pode ser aplicado. A Santa Sé tem o seu próprio porta-voz e a estratégia de comunicação do Vaticano “obriga” o Papa a interlocução direta com os jornalistas. Ele reclama, diz que todas as vezes sente frio na barriga, mas é fato que está se saindo muito bem nas conversas com a imprensa.

O desempenho do Papa com os jornalistas é altamente positivo não apenas por causa de suas simpatia e paciência, mas porque não se recusa a tratar de nenhum tema, não faz censura, inclusive para aqueles considerados sensíveis a igreja. Francisco sabe que em seus encontros com a imprensa não fala aos jornalistas, mas sim por meio deles para as suas audiências. Por isso, aproveitando a cobertura mediática que é sempre ampla, inteligentemente procura adotar uma postura humilde, acolhedora e didática, de falar aos corações e mentes. E ele tem conseguido atingir estes objetivos. Agrada tanto aos católicos como não católicos. As aglomerações que se formam durante suas viagens apostólicas pelo mundo, inclusive onde o catolicismo não é majoritário, são testemunhos inegáveis da receptividade positiva de suas mensagens.

Aborto, homossexualidade, divórcio, assédio e abuso sexual são assuntos tradicionais que afrontam os papas já há muito tempo, principalmente aos novos, recém-eleitos para o posto. Para cada assunto existe uma resposta mais ou menos protocolar já preparada (statements, como dizem nas grandes corporações), que deve ser oferecida ao público pelos ocupantes do assento de Pedro no Vaticano. Até a chegada da Papa Francisco. Ele nada mudou na essência, apenas a forma de passar a resposta, agora mais generosa e acolhedora, sem o autoritarismo moral de seus antecessores. Por vezes, até com abertura para interpretações dúbias, o que já obrigou o departamento de comunicação da Santa Sé vir á público para “explicar” exatamente o Papa queria dizer. Esta postura “mais liberal” do papa argentino agrada aos fiéis e não fiéis, que o veem como um ponto fora da curva no costumeiro jeito de ser dos papas da Igreja Católica, sempre presos aos dogmas. Mas Francisco também não os contraria.

O discurso repetitivo para determinados temas, que atravessa gerações de papas e fiéis, nem sempre foi acompanhado de ações práticas, devidas e necessárias, o que corroeu a credibilidade da Igreja Católica, como o Sumo Pontífice admite, pontuando as questões de abuso e assédio sexual. Hoje, é público, a Igreja Católica preservou nomes de batinas graduadas envolvidas em alguns escândalos desse tipo. Este *spriti de corps* foi muito mal percebido e forçou o Papa Francisco a sair da contemplação e a tomar decisões drásticas, como excomunhão e expulsão da Igreja Católica dos envolvidos.

No campo religioso, não há como negar, o Papa Francisco tem desempenhado a sua autoridade de forma eficaz. Por isso é respeitado em todo o mundo. A sua reserva de credibilidade é alta. O mesmo não se pode dizer da instituição que dirige. O desafio que lhe é imposto é promover a transferência de parte do seu capital de confiança para resgatar a imagem da Igreja Católica, atualmente bastante arranhada.

A Igreja Católica, como se sabe, não é uma ilha, embora em alguns períodos de sua história tivesse comportamento parecido. O Papa Francisco, apesar de seus opositores afirmarem o oposto, é um homem inteligente e com

forte sensibilidade política. É também Chefe de Estado, não se pode esquecer. Já afirmou algumas vezes que gosta também de atuar no cenário político. Até o momento, seu desempenho com ator político tem sido elogiável.

O mundo mudou rápida e radicalmente e a Igreja Católica precisa acompanhar estas mudanças se quiser preservar o seu poder de influência. Francisco percebeu esta necessidade e o risco de a Igreja Católica perder o seu papel de protagonista no palco onde se discute as causas e soluções para as novas ocorrências que afetam o homem e o planeta em que vivemos. O papa argentino sabe que a instituição que dirige dificilmente sobreviveria com a força política e religiosa que lhe garante dose elevada de poder se aceitasse o papel de coadjuvante ou até mesmo de figurante passivo diante dos acontecimentos destes tempos contemporâneos.

O Papa “se impôs” mais este desafio e foi adiante, mas desta vez empunhando uma bandeira mais ampla, que vai além da religiosa, como fica claro na encíclica *Laudato Si*, de 2015, que revela um discurso não tradicional e muito próximo do expresso nos estudos sobre ecologia da comunicação do pesquisador Vicente Romano.

Na encíclica *Laudato Si*, cuja redação preliminar pode-se dizer foi elaborada no ano de 2005, no documento de Aparecida, trabalho comandado pelo então cardeal Bergoglio, o Papa Francisco faz duras críticas ao sistema capitalista, com acento no modelo neoliberal, que individualiza e exclui; ao “deus” dinheiro, ídolo destes novos tempos; ao consumismo voraz, que consome bem mais do que se necessita; a comunicação técnica, que exclui o corpo e promove a solidão; ao drama dos refugiados, pela falta de acolhimento na Europa; e a destruição do meio ambiente, sem precedentes na história da humanidade.

Jamais um Papa foi tão duro e firme contra um sistema econômico que é quase hegemônico e que a Igreja Católica sabe (sempre soube) é o principal gerador dos problemas gravíssimos que afetam o homem em sua vida cotidiana e, em boa medida, também a estabilidade natural do planeta. Este posicionamento pouco religioso surpreendeu o mundo. A abordagem de

Laudato Si é ampla e quase que inteiramente relacionada às ocorrências - mais ou menos recentes -, do mundo moderno. O Papa Francisco, na Encíclica, fala mais a razão do que a alma. Seu alvo central é a ética/moral humana. O espiritual vem a reboque, com os dogmas católicos servindo como pano de fundo.

Não se pode negar que o Papa Francisco, mesmo considerando apenas os seus cinco anos de mandato, é um articulador político arguto. Neste caso em particular, foi estrategicamente cirúrgico. Ele percebeu que se mantivesse a cantilena de sempre da Igreja Católica, discutindo temas que dizem respeito mais aos dogmas cristãos do que a realidade que é vivida pela humanidade, o papel que lhe restaria em cena seria o de coadjuvante com poucas falas e, na pior das hipóteses, de figurante passivo e sem voz. Ao abraçar a temática contemporânea, que toca a todos os cidadãos do mundo, católicos, não católicos e ateus, o Papa reinseriu a Igreja Católica no grupo de nações com poder de influência.

Ademais das qualidades fartamente demonstradas nos campos da religião e da política, Francisco é igualmente comunicador qualificado. Esta habilidade é revelada já nos seus tempos de noviço no seminário da Companhia de Jesus, em Buenos Aires. Desde aquela época usava com eficácia e sem parcimônia os meios comunicacionais disponíveis para tocar tanto a emoção como a razão dos fiéis. Assim como faz hoje. Embora crítico contundente da mídia terciária, tipo de comunicação que exige dois aparatos para se consumir e dispensa a presença do corpo, é um dos mais exitosos usuários das redes sociais Twitter e Instagram. Ele confessa que as usa apenas para abrir portas! A sua predileção, que pode ser constatada por inúmeros exemplos, embora pratique a secundária, é a mídia primária, comunicação que requer a presença de mínima de dois corpos para acontecer. Francisco gosta de tocar, abraçar, beijar, sorrir, chorar, olhar e até permanecer em silêncio com os seus fiéis. Francisco é um exemplo prático excelente dos estudos de mídia realizados pelo professor alemão Harry Pross.

O Papa trafega com desenvoltura pela teoria de mídia desenvolvida por Pross, o que comprova a sua capacidade de se comunicar com eficácia por diferentes meios, tradicionais e modernos. De que adiantaria ao Sumo Pontífice todo este talento comunicacional se não tiver à disposição uma plataforma teórica atualizada, condizente a realidade do mundo? A encíclica *Laudato Si* é a resposta do Papa e consequentemente da Igreja Católica para estes novos tempos.

Ocorre que em *Laudato Si* é possível perceber, em seus diferentes capítulos e itens, pontos congruentes com os estudos da Ecologia da Comunicação do professor espanhol Vicente Romano. É possível inferir, após a leitura de ambos os trabalhos, que o Papa Francisco incorporou quesitos do estudo de Romano ao discurso contemporâneo da Igreja Católica, conforme demonstrado no capítulo II desta dissertação.

Em *Laudato Si* o Papa Francisco se revela preocupado com os efeitos da tecnologia na comunicação humana e, ao mesmo tempo, com a repercussão da comunicação tecnificada na natureza humana, na sociedade e no meio ambiente, justamente o que percebe e alerta de Romano com o estudo Ecologia da Comunicação, no início da década 80 do século XX. Ecologia da Comunicação é, em síntese, o encontro da teoria da comunicação com a ecologia humana, numa relação sem prevalência das partes, apenas seguindo as diretrizes colocadas pela natureza em favor da vida.

No entanto, antes de chegar a estes termos, Romano e Francisco criticam o sistema capitalista, principalmente o modelo neoliberal, e aponta o capital financeiro (e sua ânsia desmedida por lucros exorbitantes) como vetor central das mudanças radicais que afetam a vida e a psique do homem contemporâneo, o ambiente construído ao seu redor e o meio ambiente natural. Afirmam, ainda, que para alcançar seus objetivos atraíram o poder político e a comunicação, que trabalham em favor do mercado. Este, ao final e ao cabo, nada mais é do que o “pote de ouro” do capital financeiro.

Ao inserir pontos da Ecologia da Comunicação à sua pauta de reivindicações e críticas, que expressa não apenas em suas ações cotidianas

no Vaticano, mas principalmente nas viagens apostólicas que realiza pelo mundo, quando a cobertura da imprensa é ainda mais atenta, o Papa Francisco atualiza e, mais do que isso, dá sustentação realista ao discurso da Igreja Católica. Com esta plataforma social e ecológica, pigmentada com teses religiosas, o Papa Francisco faz como Pedro, o pescador, joga a sua rede e traz à tona um verdadeiro cardume, sobretudo de jovens conscientes e preocupados com o futuro, tanto do homem e como do planeta Terra. Estes jovens, fisgados por este novo discurso, realista e ajustado à vida que de fato se vive nos dias de hoje, podem representar o futuro da Igreja Católica. O Papa sabe disso, por isso fugiu do roteiro tradicional para poder fisgar estes “peixes”. Mais uma de suas jogadas de mestre.

5- REFERÊNCIAS

1. A12. **Papa Francisco e as 300 mil cartas que emocionaram o mundo.** Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/santo-padre/papa-francisco-e-as-300-mil-cartas-que-emocionaram-o-mundo>. Acesso em: janeiro de 2019.
2. ACI Digital. **Imprensa vaza carta do papa Francisco ao “senhor” Nicolás Maduro.** Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/imprensa-vaza-carta-do-papa-francisco-ao-senhor-nicolas-maduro-90242>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2019.
3. ACI Digital. **Estrema pobreza também viola direitos humanos, adverte, cardeal Bergoglio.** Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/extrema-pobreza-tambem-viola-direitos-humanos-adverte-cardeal-bergoglio-99026>. Acesso em: março de 2019
4. AFP. Redação. **A onda de escândalos de pedofilia na Igreja Católica.** Disponível em: <https://istoe.com.br/a-onda-de-escandalos-de-pedofilia-na-igreja-catolica/>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2019.
5. AFP. Redação. **Declaração do Papa Francisco sobre gays gera reações.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/declaracao-do-papa-francisco-sobre-gays-gera-reacoes.html>. Acesso em: janeiro de 2019.
6. Agência Reuters. **Casamento gay ameaça a humanidade, afirma o Papa Bento 16.** Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,casamento-gay-ameaca-a-humanidade-afirma-o-papa-bento-16,820647>. Acesso em: fevereiro de 2019.
7. BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Edições 70,
8. BAITELLO Júnior, Norval. **A era da Iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura** – Paullus, 2014.
9. BROWN, Andrew. **A Guerra contra o Papa Francisco.** Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/12/24/sociedade/noticia/a-guerra-contra-o-papa-francisco-1796423>. Acesso em: janeiro de 2019

10. Centesimus Annus. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: março de 2019
11. Centesimus Annus. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: março de 2019.
12. COLINA, Jesús. **Papa Francisco e os divorciados recasados: não à rigidez dos fariseus!**. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2017/09/04/papa-francisco-e-os-divorciados-recasados-nao-a-rigidez-dos-fariseus/>. Acesso em: dezembro de 2018
13. DW. **Papa critica luxo e consumismo e defende vida simples**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/papa-critica-luxo-e-consumismo-e-defende-vida-simples/a-18941933>. Acesso em: fevereiro de 2019
14. FRANCISCO, Papa – Exortação Apostólica – *Evangelii Gaudium* – A Alegria do Evangelho – São Paulo, Paulinas, 2013
15. FRANCISCO, Papa. Encíclica *Laudato Si'*. São Paulo, Paulinas, 2015.
16. FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica – *Gaudete Exultate* – sobre o chamado à santidade do mundo atual. São Paulo, Paulinas, 2018.
17. FRANCISCO, Papa. *Quem sou eu para julgar*. São Paulo, LeYa, 2017.
18. GRIMALDI, Cristian Martini – *Eu era Bergoglio, agora sou Francisco* – Editora Vozes, 2018
19. MENEZES, José Eugênio de O. – *Cultura do ouvir e ecologia da comunicação* – UNI, 2016
20. MIKLOS, Jorge / Rocco, Agnes S. A – *Ecologia da Comunicação: desafios para a concepção de uma comunicação cidadã*. – Revista de Comunicação Fapcom, 2018

21. PEREIRA, Ana Fonseca. **Bento XVI descreve “capitalismo desregrado” como uma ameaça à paz.** Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/01/02/jornal/bento-xvi-descreve-capitalismo-desregrado-como-uma-ameaca-a-paz-25830400>. Acesso em: fevereiro de 2019.
22. PEREIRA, Ana Fonseca. **Bento XVI descreve “capitalismo desregrado” como uma ameaça à paz.** Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/01/02/jornal/bento-xvi-descreve-capitalismo-desregrado-como-uma-ameaca-a-paz-25830400>. Acesso em: fevereiro de 2019
23. PIQUÉ, Elisabetta. Francisco, Vida e Revolução. São Paulo, LeYa, 2014.
24. Populorum Progressivo. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 26 de março de 2019
25. POVOLEDO, Elizabeta. **É o papa no telefone e todo mundo está falando.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/09/1340308-papa-francisco-volta-a-quebrar-protocolo-ao-telefonar-para-fieis.shtml>. Acesso em: janeiro de 2019
26. PUNTEL, Joana T. Comunicação, diálogo dos saberes na cultura mediática, São Paulo, Paulinas, 2010.
27. Revista Carta Capital. Redação. **Diálogos da Fé.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/pedofilia-e-conservadorismo-entre-os-muros-da-igreja-catolica/>. Acesso em: março de 2019.
28. Revista Exame. Redação. **Papa chama internet de dom de Deus.** Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/papa-francisco-chama-internet-de-dom-de-deus/>. Acesso em: janeiro de 2019
29. Revista Isto É. Redação. **Papa alerta jovens para perigos na Internet.** Disponível em: <https://istoe.com.br/papa-alerta-jovens-para-perigos-da-internet/>. Acesso em: 03 de abril de 2019
30. ROMANO, Vicente. Ecología de la Comunicación. Hondarribia, Editora Hiru, 2004.

31. SBARDELOTTO, Moisés. E o verbo se fez rede – Religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo, Paulinas, 2017.
32. SCAVO, Nello. A Lista de Bergoglio. São Paulo, Paulinas, 2013.
33. STRAZZARI, Francesco. Para conhecer o Papa Francisco. Paulina, 2014
34. TORNIELLI, Andrea. Francisco, a Vida e as Ideias do Papa Latino-americano. São Paulo, Planeta, 2013.
35. TORNIELLI, Andrea. Francisco, o nome de Deus é misericórdia, São Paulo, Planeta, 2016.
36. TORNIELLI, Andrea. As viagens de Francisco – Conversas com sua Santidade, São Paulo, Planeta, 2017.
37. VIDAL, José Manuel / BASTANTE, Jesús. Francisco, o novo João XXII – Petrópolis, Editora Vozes, 2013.
38. WOLTON, Dominique. Papa Francisco, o futuro da fé. Petra, 2018
39. SUNG, Jung Mo – Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos – Paulus, 2018
40. UOL. Redação. **Papa diz que pedofilia minou credibilidade da Igreja.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2019/01/03/papa-diz-que-pedofilia-minou-credibilidade-da-igreja.htm>. Acesso em: março de 2019.
41. UOL. Redação. **Papa diz que pedofilia minou credibilidade da Igreja.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2019/01/03/papa-diz-que-pedofilia-minou-credibilidade-da-igreja.htm>. Acesso em: março de 2019.